

Carlos Medina Ribeiro
Jeremias,
CONSULTOR

Na continuação da "Operação JEREMIAS",
o herói dá uma mãozinha...



baleiazul

DIGITO 

www.digito.pt

Jeremias, CONSULTOR

Texto: Carlos Medina Ribeiro (medina_ribeiro@hotmail.com)

Desenhos: José Abrantes (jose.abrantes@netcabo.pt)

Capa: Irina Calado (irina_calado@clix.pt)

Outras histórias do mesmo autor: www.janelanaweb.com/humormedina

Página do Jeremias na Internet: www.jeremias.com.pt

Endereço de *e-mail* do Jeremias: jeremias@jeremias.com.pt

O presente livro foi editado em papel pela Editora BaleiAzul (Julho de 2000; 2000 exemplares; ISBN 972-8515-23-5; Depósito Legal 154731/00).

Esta é uma versão gratuita da mesma obra e pode ser reproduzida, no todo ou em parte, sem quaisquer impedimentos.

-1 (!?) Apresentação, Introdução, etc., etc.	4
0 O Livro Anterior, «Operação JEREMIAS»	5
1 Grandes Mudanças!	6
2 As Habilitações	9
3 «Tenho-te um PÓ!»	11
4 Astérix & Obélix	12
5 O <i>Status</i>	15
6 O Primeiro Cliente	17
7 O Primeiro Problema	20
8 A Primeira Solução	22
9 A Boa Imagem	24
10 A Psyko-Teknika	28
11 De Novo o Grande <i>Master</i>	32
12 Aproveitável	34
13 A Grande Pechincha	35
14 O Grande Vendedor	37
15 Contratado!	39
16 Metendo Água	41
17 Sinceridade	42
18 Que Saco!	44
19 Pum!	48
20 O Temível <i>Mister X</i>	50
21 Só à Pancada!	55
22 O Convite	57
23 «Estúpido, Vírgula!»	61
24 <i>Com-Texto</i> Sensível	63
25 <i>Reconhecimento</i> Bocal	66
26 O Chico-Americano	68
27 Um Ar que lhe Deu...	71
28 Olhem Só!	73
29 Tolerância, Zé!	74
30 A URSA e os Ursinhos	77
31 A Beta dos Betinhos	79
32 Belos Petiscos!	81
33 A... Tensão	83
34 Ficheiros Muito Secretos	85
35 O que Arde Cura	88
36 Ó da Guarda!	90

-1

**Apresentação,
Introdução,
etc. etc.**

Para poupar os leitores a esta parte menos interessante do livro, sugere-se uma vista de olhos pela equivalente existente no anterior e que seguidamente se resume.

O livro anterior, «Operação JEREMIAS»

A Makro-Teknika era, e ainda parece que é, uma empresa povoada por *peessoas de outro tempo...*

Vendo-a em risco de naufragar por obsolescência, um tal *Doctor Robert*, o sócio majoritário, contrata Jeremias (um jovem informático cheio de boas intenções...) para *tentar* modernizá-la.

O jovem lá se desenvencilha como pode e, no fim, vê ser-lhe oferecida a gerência da empresa...

A acção decorre entre 1998 e o primeiro dia do Século XXI, o dia 1 de Janeiro de 2001.

— oOo —

No presente livro, «Jeremias, Consultor», cuja acção decorre a partir daí, vamos dar com o nosso herói a tentar *facturar alguma coisa*, nem que para isso – coisa difícil! – seja necessário descobrir empresas *ainda mais retrógradas* do que a Makro-Teknika!

Mas a sua tarefa aparece estranhamente facilitada por um misterioso e omnipresente Anjo da Guarda que comunica com ele por *e-mail...*

— oOo —

Tal como o anterior, este livro fica a *amadurecer* na Internet até chegar a sua hora de ser passado ao papel.¹

Nessa altura, entrarão de novo em funções a editora BaleiAzul e o *cartoonista* José Abrantes.

¹ NOTA de Novembro de 2002: A versão definitiva de «Jeremias, Consultor» (que não difere muito desta) foi editada pela BaleiAzul, em Julho de 2000, com patrocínio da DIGITO. As ilustrações são de José Abrantes.

O livro pode ser adquirido, autografado, enviando um *e-mail* para o autor: medina_ribeiro@hotmail.com

Grandes Mudanças!



-Ó D. Rosa, a senhora importa-se de me dar aqui uma ajudinha?

— Por quem é, Senhor Engenheiro! O senhor, agora, manda! Ou já se esqueceu de que é quase dono disto?!

Jeremias, ainda mal recomposto das suas novas funções, tratava de levar as coisas para o gabinete que, até poucos dias antes, pertencera ao *Doctor Robert*!²

E ali ia ele, timidamente, pelas escadas acima e com o computador ao colo, seguido pela prestimosa e maternal senhora também carregada e arrastando os chinelos.

² Ver «Operação Jeremias». O *Doctor Robert*, juntamente com Jeremias, é uma das personagens principais: sócio maioritário da Makro-Teknika, foi ele quem contratou o nosso jovem para, juntos, tentarem modernizar a empresa. *Tentarem*, de facto, é a palavra correcta... Acabou por doar as suas quotas ao nosso herói.

E foi por se sentir pouco à-vontade (e percorrer o caminho de olhos no chão), que Jeremias se livrou de encarar os olhares zombeteiros dos outros colaboradores e sócios da casa.

Seria, de facto, possível que um fedelho quase imberbe ficasse à frente dos destinos da grande e gloriosa Makro-Teknika?!

Iriam eles ter que passar a responder pelas suas acções a um garoto de vinte e poucos anos que nem parecia saber o que era uma empresa?!

— oOo —

Primeira Instrução:

Compra uma gravata.

Segunda Instrução:

Aprende a fazer o respectivo nó, pelo que deverás ter o cuidado de comprar uma que traga um folheto de instruções.

Foi com esta estranha mensagem dupla que o nosso amigo se deparou quando se ligou à Internet e recebeu o correio electrónico.

«Boa!» - pensou ele - «O meu amigo *Doctor Robert* não me abandonou! Agora percebo porque é que ele estava tão confiante, dizendo-me tantas vezes que ia ser fácil gerir esta coisa...»

Anotando na memória tão preciosos conselhos, sorriu ao ver o endereço do remetente:

Anjo_da_Guarda@...

«Este homem é um espanto! Mesmo longe continua a assumir o papel de meu protector!» - comentou Jeremias para a D. Rosa que se mantinha por ali, aspirando a alcatifa e arrumando as coisas, sorridente, enquanto o nosso jovem activava o "reply" e teclava um efusivo agradecimento como resposta.

— oOo —

Dias antes tinha havido a transferência de poderes:

O *Doctor*, deabalada («Vou para longe! Tirem-me daqui!!!»), chamara-o à sala de onde já retirara os seus pertences particulares e explicara, enquanto afagava o cão³:

³ Electro, pachorrento e farfalhudo animal cuja principal função era fazer de escalfeta, aquecendo os pés do dono nos dias frios.

— Nesse caderninho azul que cá te deixo tens tudo o que precisas para gerir esta chafarica e ainda te vai sobrar muito papel. Está aqui o valor das quotas de cada um dos sócios e podes ver que, ao ritmo a que a empresa vai, ainda há dinheiro para mais uns seis meses. Agora puxa pela cabeça e põe esta malta a produzir qualquer coisa! Talvez consigas o que eu nunca consegui, e lembra-te que o Moisés até tirou água das pedras!

— E estava no deserto... – comentou o nosso amigo sorrindo.

— ... e bem servido de camelos! – rematou o outro com mais uma das suas gargalhadas homéricas com que, de tempos a tempos, atroava os corredores da Makro-Teknika...

— oOo —

Agora ali estava Jeremias, sentado no enorme cadeirão de braços e rodinhas, um pouco constipado, olhando o tecto, roendo o rabo do lápis e deitando contas à vida!

E a D. Rosa, de cabelo apanhado no cimo da cabeça e com o seu eterno aspirador a reboque, olhando, embevecida, o novo Chefe!

As Habilitações

-Precisa de alguma coisa, *Senhor Engenheiro?*

Era o Dr. Minudêncio, o Chefe dos Recursos Humanos, quem assomava à porta do gabinete do nosso amigo.

Mas o tom de voz denotava alguma ironia onde não era difícil, também, descortinar um incontinente e mal disfarçado desprezo.

Talvez porque minutos antes aparecera uma terceira instrução nesse sentido, Jeremias, enchendo-se de coragem, tossindo e tentando fazer voz grossa, respondeu:

— Entre, entre, Doutor! Calha bem, que era mesmo consigo que eu queria falar! Entre e feche a porta, por favor.

Apanhado de surpresa por esse à-vontade inesperado, o homem hesitou, mas acabou por obedecer e ficar a aguardar, em pé e inseguro...

E o que a seguir ouviu fê-lo estremecer dos pés à cabeça:

— Queria que pedisse a todos os nossos colaboradores licenciados os respectivos certificados de habilitações. O Capitão Jeitoso está dispensado. Quanto ao Alarcão d'Albuquerque, como não deve haver cartas de curso para a nobreza, também está. Mas tenho alguma curiosidade em ver os diplomas dos nossos doutores, dos nossos engenheiros e dos nossos arquitectos...

— Se esse despropósito também se aplica a mim - respondeu o pobre cavalheiro, com voz trémula e indignada - fique sabendo que nunca ninguém duvidou! Tenho o curso por correspondência da Universidade de... de...

— Para mim está bem. Vejo que é **Doutor de Grau A1**.

— Muito obrigado, Sr. Engenheiro! Muito e muito obrigado!

E retirou-se, aliviado, às arrecuas.

— oOo —

— É uma humilhação desnecessária fazer com que eu tenha que andar por aí à procura da minha carta de curso! Sei lá agora onde é que isso está?!

Era a vez da D. Mildia, da Contabilidade (que ultimamente se fazia tratar por *Senhora Doutora*), reclamando indignada, mal recomposta do choque que recebera ao ser-lhe transmitido o pedido.

— Pronto, deixe estar, não se preocupe... Para mim está bem. Vejo que é **Doutora de Grau A2**.

— É possível, sim, é bem possível...

E retirou-se, altiva mas aliviada, ajeitando o cabelo num gesto coquete muito seu.

— oOo —

— Duvidas, então, que eu seja licenciado! É isso, meu grande pirata?! Pois não vais ter sorte nenhuma! Recuso-me!

Era agora o Dr. Macieira, lívido, vendo que, ao contrário do que julgara, a confiança que adquirira com o nosso amigo não o isentava de provar os estudos que tinha ou dizia ter...

— Certo, certo... Também não é caso para se zangar! Para mim está bem. É como se fosse **Doutor de Grau A3**.

— Ah, bem... Grau A3, dizes tu?! Está bom, assim já nos entendemos!

E retirou-se, orgulhoso mas desorientado, compondo as calças que lhe pareciam sempre apertadas, sem sequer se despedir...

— oOo —

E, assim, todos aqueles patuscos foram catalogados em diversas classes, invariavelmente de **Grau A**-qualquer-coisa...

No seu caderninho azul, em letra que só ele conseguiria decifrar, Jeremias anotou, para não se esquecer:

A1 ... Asno

A2 ... Abécola

A3 ... Aldrabão

Mas reservava ainda um grau muito especial, para alguns que lhe tinham feito a vida negra nos últimos tempos:

A4 ... "Ás-de" pagá-las...

«Tenho-te um Pó...»

Felizmente esta última categoria até acabou por ser pouco usada: aliás, e que se saiba, parece que apenas a D. Divisória, do Serviço Pós-Venda, a recebeu⁴ ...

A cena passara-se assim:

Durante muito tempo, como oportunamente se relatou⁵, Jeremias teve que partilhar o seu espaço de trabalho com o pessoal da limpeza.

Como eram duas pacatas senhoras que entravam às cinco e meia e ele saía pouco depois, não lhe fazia muita diferença, e até travara conhecimento e ótimas relações de amizade com a simpática e faladora D. Rosa com quem esta história começa.

O pior eram os ares superiores e de mofa com que alguns colaboradores da empresa o olhavam quando o viam, rodeado de esfregões e vassouras, a tentar arranjar ambiente para trabalhar.

Até que um belo dia essa tal D. Divisória, vendo-o no meio de caixas de detergente-em-pó lhe perguntou, piscando as suas longas pestanas negras:

— Então, jovem engenheiro?! A vida está má para os da sua profissão, pelo que vejo! Agora vende pós de limpeza?!

O nosso amigo não se conteve, e respondeu:

— Quem é que acha que é mais útil aqui na empresa, minha senhora? Os que estão na *venda de pós* ou os que estão na *pós-venda*?

⁴ Claro que, como a Makro-Teknika nada vendia, esta senhora tinha uma vida muito folgada...

⁵ Ver «Operação Jeremias»

Astérix & Obélix



Mas, afinal, até nem foi muito difícil começar a ter mão naquilo tudo.

E quando alguma coisa parecia correr mal o seu Anjo-da-Guarda lá aparecia, através de uma oportuna mensagem de correio electrónico, a indicar-lhe o caminho!

E foi assim que, logo que pôde, o nosso amigo convocou o pessoal todo para o Auditório...

— Caros colaboradores e colaboradoras... atravessamos um período de crise. Mas não é nada que não possamos superar. E eu digo mesmo que estamos em ótimas condições para ganhar dinheiro como consultores...

E, conseguindo com estas palavras otimistas conquistar a adesão daquela plateia inicialmente desconfiada, expôs a sua brilhante ideia...

Estava-se nos primeiros dias do ano 2001, o Século XXI começara⁶.

Mas, por incrível que pudesse parecer, ainda havia empresas no país que continuavam a ignorar os computadores e a Internet.

Porém, na Makro-Teknika, por força das circunstâncias e devido aos ciclópicos esforços de Jeremias e do *Doctor Robert*, até já se enviavam *e-mails* de vez em quando!⁷

E já havia autorização de verba para mandar estudar o projecto de um pedido de orçamento para uma futura *Home-Page*!

Assim sendo, e por gloriosa comparação, a Makro-Teknika fazia figura de empresa *navegando na espuma da crista da onda da alta tecnologia* - como tão inspiradamente proclamara o Capitão Jeitoso, esmerando-se nas suas atribuições de Chefe do *Marketing Científico*.

Um silêncio incrédulo caiu sobre o auditório!

Seria possível encontrar alguma empresa com gente ainda mais retrógrada do que a da Makro-Teknika?!

Como se tivesse escutado a pergunta, o nosso amigo prosseguiu:

— Já ouviram falar das *empresas-Astérix*?

Vendo que a audiência abanava a cabeça negativamente sentiu-se seguro para continuar:

⁶ Mesmo nessa altura ainda continuava a haver casmurros que insistiam que o Século XXI já começara um ano antes, no dia 1 de Janeiro de 2000...

⁷ Jeremias tinha sugerido que se instalassem computadores com jogos em todos os gabinetes. A ideia tinha sido fazer com que os inforfóbicos da Makro-Teknika se fossem, a pouco e pouco, habituando a trabalhar com tais máquinas. Não foi mal sucedido de todo: ao fim de alguns meses já se jogava à Batalha Naval com folhas de Excel.

— Assim como, nas histórias do Astérix, havia uma aldeia que continuava a resistir gloriosamente aos avanços dos romanos, assim no nosso país continuam a existir empresas e organizações que resistem heroicamente aos avanços da informática e da Internet.

O Dr. Macieira achou por bem intervir, com uma gargalhada:

— E nem lhes deve faltar o outro gajo sempre com o obelisco às costas para mostrar bem que ainda estão na Idade da Pedra!⁸

Mas Jeremias, aproveitando o clima de compreensão e boa disposição que se instalara, prosseguiu:

— Já seleccionei uma boa dúzia dessas *empresas-Astérix*... Como primeiro critério, escolhi aquelas que não têm endereço de correio electrónico em nenhuma lista. Depois, telefonei para elas, e anotei as respostas que as telefonistas e as secretárias davam quando lhes perguntava esse mesmo endereço... E vamos já hoje começar pela Tekno-Xarope, que é nossa vizinha.

Jeremias não pareceu admirado pelo ar céptico que vislumbrava nos semblantes dos presentes. Por isso, aumentando o entusiasmo a par com o tom da voz, continuou:

— Eu mesmo, acompanhado pelo Professor Picotado, vou fazer a primeira abordagem comercial e ganhar o nosso primeiro grande contrato!

O Prof. Picotado, personagem recém-associada à empresa, caracterizava-se por um porte altivo e ares de esmerada educação.

Era bastante contido de palavras (embora sorrisse muito e sempre), e costumava fumar (com uma enorme boquilha) uns curiosos cigarros de papel verde⁹. E Jeremias escolhera-o por lhe parecer o contraponto ideal à sua fraca experiência de contactos sociais e também para elevar a média etária dessa primeira Delegação Técnico-Comercial...

⁸ O Dr. Macieira, ex-rei dos inforfóbicos, desde que passava horas infinitas a navegar na Web à caça de *sites* pornográficos já se achava muito evoluído tecnologicamente. A ponto de zombar dos outros...

⁹ «Não fazem mal à saúde, são cigarros ecológicos» - explicava ele quando o censuravam por fumar tanto - «É um amigo meu, d' Os Verdes, que mos traz quando vai à Holanda»

O Status



Foi a D. Rosa quem, no dia seguinte e às escondidas, lhe esteve a ensinar a fazer o nó da gravata.

Estava feliz por poder ser útil! E achava-se na obrigação de lhe dar - como ela dizia - «alguns conselhos de vivência»:

— Desculpe-me que lhe diga, mas agora o senhor tem que deixar de vir de bicicleta para o emprego! Olhe que é director e, pelo que eu sei da *vivência*, isto é tudo gente que dá mais importância aos centímetros cúbicos dos motores do que aos do cérebro...

Mas o nosso amigo não parecia disposto a gastar o dinheiro da quota num carro. Aliás, ainda não assumira bem como sua a participação que o *Doctor Robert* lhe doara, continuando a manter o mesmo espírito simples com que fora educado...

«Se queres andar de Mercedes e motorista, fala com a D. Rosa...»

era a *instrução do dia*, como sempre surgindo na altura certa! Como se, por artes mágicas ou telepáticas, o seu Anjo da Guarda se mantivesse a par das suas maiores preocupações.

E foi assim que, vendo precisamente nessa altura a boa senhora a passar no corredor...

— Ó D. Rosa, a senhora, que sabe tudo, faz ideia quanto é que custa alugar um Mercedes com motorista?

A D. Rosa sorriu e olhou em volta, um pouco desconfiada. Não vendo ninguém por perto, desligou o seu eterno aspirador e atreveu-se a entrar no gabinete, fechando a porta atrás de si.

Depois, falando baixinho, disse:

— Faça o truque habitual, senhor engenheiro! Faça o truque habitual em empresas como esta! O que o senhor precisa é de um táxi preto que o traga e leve todos os dias... O meu Jacinto até tem dois e, como ninguém aqui sabe disso, resolve-lhe o problema! Ninguém precisa de saber que é um táxi que o traz...

E foi assim que, a partir dessa altura, Jeremias passou a deixar sempre a bicicleta dois quarteirões mais abaixo, onde o Sr. Jacinto o apanhava pontualmente às 8 e meia e o deixava, no regresso, às 6 e um quarto da tarde.

Por isso é que nesse dia, em que era preciso ir, a meio da manhã, visitar uma empresa potencialmente cliente, Jeremias escolhera uma bem perto dali:

— Tenho o meu Mercedes na revisão, Prof. Picotado. Podemos ir no seu?

— O meu também está na revisão, Eng. Jeremias. Vamos a pé, que também faz bem...

O Prof. Picotado habitualmente usava os serviços do irmão do Sr. Jacinto...

O Primeiro Cliente

— **S**e eu bem percebo somos vizinhos, não é verdade?

Quem assim falava, com ar simpático e acolhedor, era a Dra. Elisímoda, a sócia-gerente da Tekno-Xarope, que recebera a delegação da Makro-Teknika com toda a deferência na sala de visitas mais importante da empresa. Dado o seu difícil nome e o seu perfil avantajado era mais conhecida, mas só em segredo, por D. Xaropona.

— Ora, pelo que sei, vocês propõem-se ajudar-nos a modernizar a firma, a implementar novos métodos de trabalho... É isso?

O Dr. Picotado, a quem ela se dirigia, limitava-se a sorrir e a abanar a cabeça afirmativamente.

Esperava que a senhora acabasse de fazer perguntas, mas esperava também não ter que ser ele a responder. «Um burro calado pode passar por esperto» - ensinara-lhe o avô muitos anos atrás.

E foi assim que, tal como previsto, Jeremias levou a conversa para os assuntos que melhor dominava.

Porém, logo que começou a falar de computadores, a Dra. Elisímoda, sorrindo, pediu-lhe delicadamente para parar:

— Alto, Sr. Eng.! Se a conversa entra por esse caminho, preciso de chamar o meu assessor técnico!

E, tocando uma discreta campainha, ordenou à empregada que prontamente apareceu:

— Traga umas águas aqui para a mesa e uma garrafa do nosso produto. De caminho, chame aqui o Sr. Polegadas e diga-lhe que é urgente.

Enquanto esperavam aproveitou para comentar:

— Vão conhecer duas coisas que vale a pena conhecer. Ou melhor: uma coisa e uma pessoa...

Referia-se, como se percebe, ao xarope que fabricava e ao tal cavalheiro que havia de vir.

E lá apareceu, por fim, um sorridente indivíduo muito alto e magro, de cabelo caído sobre os olhos, com uma espécie de bata manchada de nódoas de xarope, e que teve a gentileza de limpar as mãos numa ponta ainda limpa do balandrau antes de cumprimentar os visitantes.

Embora com alguma dificuldade devido às suas longas pernas, sentou-se respeitosamente mas com certo à-vontade, compôs os óculos e inteirou-se do assunto para o qual o chamavam.

Por fim, achou por bem esclarecer:

— Bem... eu não sou informático... nem sequer técnico de electricidade... Eu sou apenas um *xaropólogo*, um químico de xaropes... não sei se sou a pessoa indicada para responder às vossas perguntas... De qualquer forma, o pior problema que tivemos foi na noite do famoso *Bug* do Ano 2000, em que toda a nossa produção azedou...

Mas a Doutora, piscando-lhe um olho, interrompeu-o e retomou a iniciativa da reunião:

— Deixe lá a produção dessa noite terrível... Pode ser que ainda se arranje quem a beba toda...

Sorriu maliciosamente e prosseguiu:

— Você queixava-se, anteontem, que as comunicações com o Laboratório de Hamburgo estavam muito demoradas. E, pelo que percebi, essa demora fez com que a produção do dia se estragasse. O prejuízo foi considerável, e foi por isso que resolvi contactar a Makro-Teknika que se diz especialista em modernização de empresas e métodos.

E, dirigindo-se de novo às visitas, perguntou simpaticamente:

— Estou a dizer bem, não estou? Como não é a minha especialidade, se virem que eu digo algum disparate, corrijam-me!

O Sr. Polegadas, então, pediu para dar a sua opinião:

— Eu propunha que fôssemos dar uma volta pelas instalações. Poderei explicar melhor o problema que se passa...

E, esperando que estivessem todos de acordo com ele, fez menção de se levantar.

Mas a Doutora atalhou, segurando-o por uma manga:

— Espere aí, homem! Sente-se! Deixe primeiro os nossos convidados acabarem de saborear o nosso xarope!

Aconteceu que, nessa altura, uma oportuna rajada de vento fez escancarar a porta. E, enquanto todos se viravam para olhar, Jeremias esvaziou rapidamente o copo para o vaso da begónia que estava ali ao lado...¹⁰

¹⁰ Ele já notara que o rótulo do frasco indicava, em letra pequena, um estranho número que, pelos vistos, era a data de fabrico: 01-01-00

O Primeiro Problema

A visita à fábrica estava a ser muito proveitosa em termos de cultura geral, e o Sr. Polegadas, entusiasmado e lisonjeado pela atenção que lhe dedicavam, estava a esquecer-se do verdadeiro problema.

Mas acabaram por chegar ao gabinete dele e o motivo da visita veio então à baila.

Passava-se o seguinte:

Quando o Sr. Polegadas escrevia um fax, e dado que era a pessoa mais qualificada ali na empresa, fazia-o no seu velho computador.

Porém, uma vez escrito, e em vez de carregar no ícone de "enviar" como se faz em todo o lado, o pobre homem carregava no ícone de "imprimir"!

Assim, tinha depois que subir algumas escadas, atravessar várias salas e corredores, ir para a fila da impressora, esperar a sua vez (eventualmente voltar atrás para ir buscar papel), recolher a cópia, retocá-la... e recomeçar o processo até se dar por satisfeito em termos gráficos, lexicais e gramaticais.

Depois, colocava o fax - já devidamente assinado - numa cestinha de Saída, onde um paquete o viria buscar algumas horas mais tarde.

O documento era transportado com amor e carinho para o Expediente, de onde era levado em seguida para o Secretariado e depositado numa cestinha de Entrada decorada com um lacinho cor-de-rosa.

De tempos a tempos a Secretária que estivesse mais disponível ou bem humorada *tentava* fazer o envio.

Por fim, devidamente festejada a transmissão bem sucedida, era agrafado ao fax o documento comprovativo e o conjunto era colocado na

cestinha de Saída, decorada com um lacinho azul¹¹ e colocada por cima da outra.

Algumas horas depois seguia o trajecto inverso, encalhando com frequência na secretária de algum chefe ausente ou mais desconfiado.

Com um pouco sorte, 24 horas eram suficientes para completar o ciclo.

— É dramático! - explicou o homem - A nova gama de xaropes de begónia não se compadece com estas demoras! As análises têm que chegar ao Laboratório de Hamburgo em muito menos tempo! Não se pode fazer nada?!

— oOo —

— Vamos estudar a situação e propor soluções - informou o nosso amigo.

Jeremias e o Prof. Picotado estavam agora de regresso à Sala de Reuniões juntamente com o Sr. Polegadas, e a Dra. Elisímoda juntou-se-lhes assim que soube que a visita às instalações terminara.

O problema, à primeira vista parecia fácil.

Mas era de toda a conveniência evidenciar alguma dificuldade, pois que a apresentação imediata de uma solução iria desvalorizar o trabalho de consultoria...

— Sede lestos, meus amigos... sede lestos e eficazes! - pediu a Doutora, dando a entender, no seguimento da conversa, que não iria regatear honorários.

Nenhum deles reparou que a begónia murchara...

¹¹ Esta história dos lacinhos azul e cor-de-rosa parece que era uma brejeirice que só as meninas do Secretariado é que percebiam.

A Primeira Solução

E foi assim que no dia seguinte o nosso amigo lá voltou, levando já na pasta um *modem* e um programa de ligação à Internet.

Logicamente, informara-se do endereço do laboratório de Hamburgo...

Mas a reacção não podia ser pior:

— Nem pensar!! Internet rima com Pedofilia!! Hamburgo rima com Pornografia!! - foi a reacção imediata da Dra. Elisímoda ao saber o que se preparava.

Jeremias, então, vendo que estava em risco o negócio, pediu mais uns minutos para pensar.

Por fim, propôs a solução:

— Pelo que vejo, se ganharmos algum tempo no trajecto da documentação, já não será mau...

A Doutora, já mais calma, e vendo que se perfilava no horizonte uma solução mais aceitável para os seus esquemas mentais, anuiu:

— Sim, sim... se conseguíssemos ganhar uma ou duas horas na transmissão dos faxes, era uma maravilha! Mas não me venha propor que os paquetes passem a andar de patins! É tudo gente velhota, já tentámos essa solução e não deu nada...

— O curso de patinagem até foi subsidiado pelo Fundo Social Europeu¹² - aproveitou o Sr. Polegadas para esclarecer, tentando mostrar como estava ao corrente dos esforços da Administração para modernizar a empresa.

— Ah! E antes que me esqueça! - interrompeu a Dra. Elisímoda - espero que não me venha propor que o Sr. Polegadas vá, em pessoa, enviar os faxes! Sei que há para aí empresas concorrentes que põem os seus

¹² O curso de patinagem industrial do Sr. Filantrópico, o paquete, e que durara 150 horas, fora debitado ao F.S.E. pelo triplo: é que o Sr. Plínio (que era perneto) e a D. Leopoldina (que era coxa) também assinaram os comprovativos em como tinham frequentado o curso...

funcionários qualificados a fazer isso, mas trata-se de casas ricas onde o dinheiro não conta...

Então, o nosso amigo, fazendo um supremo esforço para não se rir, sugeriu:

— Dado que o edifício é em forma de U, e tendo em conta que a impressora está nesta ala e o Secretariado ali na outra, mesmo em frente, podia-se poupar o tempo de pacote enviando os faxes sob a forma de aviõezinhos de papel...

A Doutora mostrou-se visivelmente agastada, e Jeremias, vendo aquela mulher enorme com cara de poucos amigos, arrependeu-se da graça ainda mal a tinha acabado de pronunciar...

Mas o motivo era outro:

— Ora francamente! E acha que não pensámos já nisso?! Não sabe que assim o papel, com os vincos e as dobras, entope a máquina de telefax??

A Boa Imagem



Mas tudo acabou por se resolver, pois - embora não aceitando que se usasse a Internet na Tekno-Xarope - a Dra. Elisímota permitiu que, junto ao velho computador do Sr. Polegadas, se instalasse um discreto *modem* permitindo que o homem, ao menos, enviasse os faxes a partir dele.

— Façam lá isso, mas sem eu saber... sem eu saber... - fora o seu comentário benevolente.

Assim, embora fazendo-o a um custo infinitamente superior ao que seria se usasse as tecnologias apropriadas, sempre se poupava bastante tempo e as análises dos xaropes de begónia chegavam ao Laboratório de Hamburgo a tempo.

Como se vê, dinheiro era o que não faltava por aqueles lados, mas a empresa estava em vias de expansão e era preciso lançar uma grande campanha publicitária para a promoção do novo xarope de emagrecimento.

— oOo —

«De que é que estás à espera?! Mete já a Makro-Teknika a tratar disso!»

Era a instrução do dia, enviada pelo Anjo da Guarda que, pelos vistos e por meios misteriosos, continuava atento às realidades da empresa!

E lá foi o nosso amigo Jeremias, com o Sr. Epifânio da Publicidade, oferecer os seus serviços e ver o que se podia fazer.

E ei-los agora a serem recebidos pela Dra. Elisímoda, sorridente e cada vez mais gorda...

— O nosso xarope para emagrecer vai ser um sucesso. Não sei se repararam na extrema elegância do Sr. Polegadas, o nosso xaropólogo.

— Eu não o conheço, mas aqui o Sr. Eng. Jeremias já me falou nele - respondeu o Sr. Epifânio, sorrindo.

E a senhora prosseguiu:

— Pois o Polegadas, quando veio para cá, até era gordíssimo. Mas, ultimamente, desatou a emagrecer. E começámos a reparar que, sempre que entrava em fabrico o xarope fortificante, ele emagrecia uns gramas! Então, se o xarope em vez de fortificar emagrecia, o melhor era desenvolvê-lo precisamente para essa função.

— Compreendo - comentou o nosso amigo, interessadíssimo.

— Assim, e em poucos meses, e só devido ao facto de provar uma ou duas colheres por dia, o Polegadas foi perdendo peso a olhos vistos... Até já lhe chamam...

E aqui a boa senhora interrompeu-se para ver se a porta estava bem fechada e ninguém a ouviria:

— ... o *Meia-Polegada*! Se bem que isso só se aplique à sua *espessura* e não à sua altura! - e riu-se, com um riso enorme e atoador...

E perguntou, em seguida:

— Pelo que percebi, vocês têm uma Secção de Publicidade Moderna que se propõe ajudar-nos a lançar o novo produto, não é verdade?

— Sim, é isso, Dra. Xa... Elisímoda.

— Mas não quero nada de grandes modernices. O meu *feeling* de mulher de negócios diz-me que o melhor ainda são aqueles velhos anúncios do ANTES e do DEPOIS, com um retrato de uma senhora gorda *antes* de tomar o produto, e o retrato da mesma senhora, já magra, *depois* de o tomar.

Sorriu maliciosamente e continuou:

— Já sei! Os meus amigos estão a olhar para mim e a pensar «Ora aqui está uma boa baleia para a primeira fotografia... Só falta arranjar uma irmã gémea, mais magra, para o segundo retrato!» - e deu nova gargalhada gigantesca que fez com que os nossos dois amigos se sentissem muito pequeninos.

— Pois então eu digo-vos o que pretendo: vocês vão usar uma dessas máquinas digitais que agora há para aí, tiram-me um retrato a mim, e depois, com jeito, criatividade e *software* de tratamento de imagem, emagrecem-me... Entendido?

Jeremias não sabia o que mais admirar: se o engenho comercial da senhora ou se os conhecimentos técnicos recém-adquiridos acerca do mundo informático... sendo verdade que, ainda pouco antes, nem queria ouvir falar de Internet!

Logo nesse mesmo dia, numa sala especialmente preparada com prateleiras regorgitantes de xaropes de begónia, a Dra. Elisímoda, transbordando de um arrojado fato de banho dos anos 50, posava, sorridente, e *sexy*, para a máquina digital que o Sr. Epifânio se esforçava por manipular!

E o ANTES, portanto, estava em vias de ser feito.

E agora aqui temos o Sr. Epifânio, já na Makro-Teknika, a aprender à pressa como trabalhar com um computador e como manipular o programa de retoque de imagem!

Tratava-se de fazer o DEPOIS. E logo ele, que sempre se considerara orgulhosamente «o último inforfóbico da Makro-Teknika», tinha que aprender essas coisas do diabo!

Mas lá foi andando... lá foi andando... e a enorme D. Xaropona em breve se transformava numa autêntica *pinup*!

— Impecável! Aqui está o *depois*, o famoso *depois* que vem depois do *antes*! Chefe! Estou quase a ficar apaixonado pela senhora do *depois*! - Desabafou ele, com um brilho maroto nos olhos, quando mostrou ao nosso amigo Jeremias a imagem da Dra. Elisímoda, rejuvenescida a golpes de rato, criatividade e *software*.

Mas queixou-se:

— Agora a parte mais difícil, chefe, é a inclusão do texto na imagem. Não sei se vou conseguir fazer a coisa!

— Deixe lá, foi ela quem escolheu o *slogan*, não se pode fazer nada...

«Se, como eu, quer ficar *elegantex*, tome, sem hesitar, um frasco de Emagrex».

Mas o Sr. Epifânio não se referia ao teor do texto propriamente dito. Referia-se, sim, ao problema técnico da inclusão dele na imagem, o que nem sempre, de facto, é fácil de fazer.

Felizmente Jeremias conseguiu apanhar as provas quando já iam a caminho da gráfica:

É que o Sr. Epifânio, baralhado com o *software* ou apenas desorientado pela beleza que tinha criado, trocara, simplesmente, as legendas do ANTES e do DEPOIS...

A Psyko-Teknika



No dia seguinte, e de novo acompanhado pelo Professor Picotado, o nosso amigo dirigiu-se a uma outra empresa vizinha.

— Isto de termos a Makro-Teknika numa zona industrial tem as suas vantagens! - comentava ele enquanto faziam o caminho a pé.

De facto, entre a meia centena de firmas ali da zona, havia uma boa dúzia capaz de, só por si, alimentar em trabalho os nossos especialistas em modernização de empresas.

O outro, pouco dado a conversas, limitava-se a sorrir, pachorrentamente, e até fazia algum esforço para acompanhar o ritmo do andar...

Quando lá chegaram foram surpreendidos por um grande grupo de pessoas que estava à porta.

— Pelos vistos viemos em má altura... Devem estar à espera de alguém importante... - comentou o nosso jovem.

Mas, para sua grande surpresa, um dos cavalheiros do grupo adiantou-se e, de braços abertos, dirigiu-se para Jeremias!

Uma salva de palmas irrompeu dos restantes, ao todo umas vinte ou trinta pessoas...

— Deve haver algum engano... - balbuciava o nosso amigo, confuso até mais não. - Eu venho da Makro-Teknika, por causa de...

— O senhor é o famoso Eng. Jeremias, a gente sabe! O nosso salvador!

E, completamente aturdidos, ele e o Prof. Picotado, seguidos por uma pequena mas barulhenta banda de música, foram levados quase ao colo para dentro das instalações da Psiko-Teknika!

— oOo —

— A nossa empresa está quase paralisada desde que apanhámos um terrível vírus no único computador que cá temos. Foi tudo à vida... Folhas de salários, moradas de clientes, encomendas... tudo!

Ao princípio Jeremias pensou que a Psyko-Teknika não apanhara nenhum vírus, tendo sido apenas vítima do *Bug* do Ano 2000.

Mas esse facto passara-se havia mais de um ano e não fora isso que acontecera.

O Dr. Psyko-Pato, agora em reunião restrita e rodeado pelos seus assessores, explicava a situação, com um semblante em que a esperança parecia começar a sobrepor-se à angústia:

— Pois nós aqui nunca fomos nada adeptos dos computadores. Consideramos que é uma fonte de desgraças, vícios e desemprego, e evitámo-los enquanto foi possível.

— Pelo menos livraram-se do *Bug* do Ano 2000 - comentou Jeremias sem se rir.

— Exactamente. Esperámos que passasse essa fatídica data para comprarmos um computador, objecto esse que acabou por se tornar um mal necessário. Mandámos dar uma formação acelerada aqui a este senhor (não sei se já vos apresentei devidamente o Sr. Obnóxio...) e arranámos o *software* (é assim que se chama a coisa, julgo eu...)

Minutos depois começava a fazer-se luz nos espíritos dos nossos amigos. Pelo menos no de Jeremias, visto que o prof. Picotado, esse, dizia

sempre que *sim* com a cabeça, com ar sorridente, fosse qual fosse o assunto ou o rumo da conversa...

— oOo —

De facto, a proximidade da Makro-Teknika e a crise de trabalho em que se encontrava, tinham propiciado que duas das suas mais importantes personagens tivessem entrado em acção no ano anterior:

O Dr. Filoxera (responsável pela formação) e o Alarcão d'Albuquerque (responsável pela informática) tinham-se oferecido, fora de horas e em regime de biscatada, para informatizar a Psyko-Teknika.

Coubera ao segundo instalar o *software* e ao primeiro providenciar a formação específica.

Ora, quem conhece - através das descrições da primeira parte do livro - as actividades destas duas personagens, fará uma boa ideia de como passara a funcionar a Psyko-Teknika em termos de novas tecnologias a partir dessa intervenção...

Mas o Sr. Obnóxio não era parvo de todo, e conseguira descodificar a linguagem hermética de ambos.

Tendo muito tempo vago, dedicara-se a trazer de fora jogos de computador em disquetes e o resultado estava à vista:

Um terrível vírus!

— Quais os sintomas que notou? - perguntou Jeremias ao comprometido funcionário.

— Bem... A coisa passava-se de surpresa, nunca se sabia quando é que o vírus ia atacar... Primeiro aparecia uma caveirinha ao canto do monitor... a seguir ia crescendo... crescendo... até apanhar o écran todo. Depois, desatava aos gritos e só se calava quando eu desligava o computador...

— E o que é que a caveira gritava? - o nosso amigo, que já identificara o vírus, decidira divertir-se.

— Não me lembro... de facto não me lembro... - mentiu o pobre Obnóxio.

E foi a D. Leucádia (que nessa altura ia a entrar para entregar os cafezinhos) que, julgando poder ser prestável, esclareceu:

— Ai eu lembro-me! Um dia ia a passar e ouvi... Dizia «Trabalha, malandro!»

Jeremias não comentou. Confirmava-se que o vírus "Lazy People" atacara! Nada que ele não pudesse resolver em poucos minutos com o antivírus que sempre o acompanhava.

Mas, como já fizera na Tekno-Xarope, resolveu fazer *render o peixe*:

— Preciso de levar o computador para a Makro-Teknika para ver o que se pode fazer...

— Hoje é impossível - lamentou-se o Sr. Obnóxio. - Já o mandei analisar.

— Aonde?! - quis saber o Dr. Psyko-Pato, também ele apanhado de surpresa.

— Ao Instituto Nacional de Doenças Infecciosas.¹³

¹³ Devia estar a referir-se ao Instituto Ricardo Jorge, em Lisboa.

De Novo o Grande *Master!*



«**S**abes que dia é hoje? Já pensaste no que te espera?»

Era esta a misteriosa mensagem que Jeremias tinha no correio electrónico do dia.

O seu Anjo da Guarda (o *Doctor Robert* ou fosse lá quem fosse!) tratava de lhe recordar os compromissos!

Mas, afinal, não se tratava de compromisso nenhum. Simplesmente era a última sexta-feira do trimestre.

E isso queria dizer que era o dia fatídico em que Master Mikaka, o japonês perito em gestão de empresas e recursos humanos, vinha dar a sua conferência trimestral e debitar a sua imensa sabedoria de guru esclarecido.

— Como é que me vou ver livre dessa ave? - perguntara ele para a D. Mariquita quando ela, sempre sorridente, lhe viera anunciar a chegada do especialista.

— Coitado! Temos que o tratar bem! Já sabe que ele foi despedido da Tecno-Máxima?¹⁴

— oOo —

Passara-se o seguinte:

O pobre homem, vendo o seu pouco sucesso no mercado português, atribuíra esse facto ao seu desconhecimento dos hábitos e da língua lusitanos, pelo que procurara, então, informar-se o mais possível dessa realidade social e cultural.

A sua dificuldade em ler textos na nossa língua levava-o a comprar revistas com bonecos, tendo a sua escolha recaído nas de anedotas ilustradas mais ou menos picantes, onde encontrara inúmeras histórias em que apareciam secretárias e dactilógrafas ao colo de chefes, administradores, gerentes e directores¹⁵.

Sendo pessoa não sintonizada com o humor latino, e estando habituado às exíguas condições de espaço no seu país de origem, resolvera pregar então esse método como processo para redução de custos através da compressão do espaço de trabalho!

E lá tinha ele aparecido, na Tecno-Máxima, com montes de revistas de anedotas, a propor essa saborosa filosofia de compressão¹⁶.

Embora muito aplaudido por certos sectores da empresa veio, no entanto, a ter de incluir no seu reduzido léxico de português novas expressões, tais como: «assédio sexual» e «politicamente incorrecto».

Mas houve uma, muito especialmente, que teve grande dificuldade em traduzir: «Olho da rua!»

— Eye of the street?! - Perguntara ele.

¹⁴ Estranho consultor, que trabalhava também para a concorrência!

¹⁵ Apreciara, muito especialmente, as revistas e os bonecos do grande José Vilhena...

¹⁶ Comentava-se que ele tinha começado a aprender a *zippar* ficheiros...

Aproveitável

«**A**proveita os conhecimentos linguísticos do homem e põe-no mas é a trabalhar na exportação!»

era o segundo conselho do dia, acabado de chegar, ainda Jeremias nem tinha tido tempo de receber condignamente o grande mágico da gestão.

— Ora aí está uma boa ideia! Vou encomendar ao homem que traduza o nosso Manual da Qualidade para japonês para o metermos na nossa página da Internet... quando existir.

Feita a proposta, Master Mikaka ficou muito satisfeito.

E Jeremias veio a saber, para seu grande espanto, que o grande mestre até já tinha feito várias *Home-Pages* para empresas japonesas como se propôs mostrar.

Entrando timidamente no gabinete do nosso amigo, sorrindo, fungando e compondo os óculos que lhe estavam sempre a cair, aproximou-se do computador de Jeremias, já ligado, digitou rapidamente um endereço na Web e, ao fim de alguns segundos, apareceu uma estranha página de uma empresa japonesa, mas completamente incompreensível.

— It is in very línguas, como vês - comentou o *expert*. - Só falta em língua de vaca, podes tu dizê-lo...

O nosso amigo estava estupefacto.

Que raio de conversa!

Falando devagar e procurando palavras simples para se fazer entender, perguntou:

— Como é que posso ver, por exemplo, a versão em inglês?

O outro, como se lhe estivessem a perguntar uma coisa tão simples como qual o seu nome, respondeu, apontando para um quadrado no écran onde se viam muitos símbolos japoneses:

— Então tu não vê?! Está aqui escrito: «Para versão em inglesa, TRUCA e PIMBA! Clicas aqui...»

A Grande Pechincha



O que é certo é que foi por causa do Master Mikaka que a Makro-Teknika passou a trilhar novos rumos comerciais...

Mas não no Japão, como se verá.

Master Mikaka costumava passar todos os dias na Baixa e já tinha reparado que, junto a uma das entradas do Metro, um indivíduo magro, com a barba por fazer e uma eterna beata ao canto da boca aparecia com frequência a vender relógios de pulso.

Tratava-se do Sr. Pombinho, personagem que já vamos conhecer com mais detalhe pois, durante alguns capítulos, vai ter algum relevo.

Já agora vale também a pena contar como é que o Sr. Pombinho vendia os relógios de contrabando:

Armava o tabuleiro em três tempos, tirava de um saco de plástico umas dúzias deles, e apregoava o produto enquanto a polícia não vinha:

— É a 750! Olha que é a 750 e eu não duro sempre!

Quando as vendas estavam a correr mal ou via que a Polícia se aproximava, baixava instantaneamente o preço e procurava despachar os relógios aos dois de cada vez:

— Olha que agora é a dois, mil escudos! É a dois, mil escudos!

E nunca se esquecerá de um japonês pequenino, de óculos a cair e fatinho às riscas que, desconhecedor do custo de vida por estes lados, pegou num relógio, pagou com uma nota de 2.000\$, e desapareceu, todo contente, pelas escadas do Metro abaixo!

Coitado! Master Mikaka, ao ouvir o pregão, não dera atenção à vírgula!

O Grande Vendedor

Talvez estejam recordados que a Makro-Teknika se preparava para lançar no mercado um produto especialmente destinado aos tecnofóbicos mais impenitentes.

Tratava-se de relógios de sol feitos de materiais o mais primitivos possível, tendo em conta que um bom número de pessoas, ao recusar as *modernices*, procura sempre defender as tecnologias anteriores.

E assim, de degrau em degrau, andando sempre para trás na escala do desenvolvimento tecnológico, um bom tecnofóbico pode ir defendendo os relógios de corda, os de pesos, as ampulhetas, as clepsidras... e poderá muito bem entusiasmar-se com os relógios de sol...

— O próximo passo será fabricar relógios de pulso que usem a mesma tecnologia natural! - sugerira o Capitão Jeitoso a quem estava entregue o pelouro do *Marketing Científico*.

E, de facto, durante os últimos tempos, a Makro-Teknika, como apoio da Sol-Makrosistemas¹⁷, produzira uma razoável quantidade desses relógios que, agora, era preciso vender.

— O melhor será enviá-los para países com bastante sol... Eu estava até a pensar enviá-los para a Arábia ou para o Saara... - aventou o Sr. Navarro, responsável pelo *Import-Export* - E até já tenho um vendedor apalavrado!

Acontecera que o Sr. Navarro, através do grande guru japonês, tinha tomado conhecimento da história que acabámos de ler.

E ficara a pensar que seria uma coisa do outro mundo se conseguisse obter a colaboração do espantoso vendedor que conseguia impingir por 2000\$ relógios que não valiam nem 500...

Portanto ei-lo, nervoso, a correr as tasquinhas da Baixa à procura desse fabuloso vendedor ambulante.

¹⁷ Terrível concorrente de uma tal *Sun-Microsystems*. Ver a história «Um Lugar ao Sol», em «Operação Jeremias».

— Ah! Quem você procura é o maluco do Pombinho Lourenço, que tem a alcunha d' O Grande Vendedor! - explicou-lhe uma peixeira para seu grande espanto. - Está ali na tasca do Gismundo. Dá logo com ele, é um gajo com cara de maluco e que está sempre a jogar dominó!

Embora as suas vendas de relógios fossem uma desgraça, o Sr. Pombinho tinha adquirido a alcunha de «O Grande Vendedor» porque, sendo muito desconfiado, quando alguém lhe contava alguma coisa, ele comentava sempre, torcendo e coçando o nariz:

«Eu cá só vendo... só vendo...».

Contratado!

Ao ver que o Sr. Navarro se propunha convidá-lo para vendedor da Makro-Teknika o homem exultou:

— Está a falar com o grande Pombinho Lourenço, o gajo certo, amigo Catarro! - e bateu com força a última pedra do dominó.

A cena, como se percebe, passava-se já na tasca do Gismundo, onde ele costumava passar as tardes.

— Navarro. O meu nome é Navarro. - Corrigiu o outro com muito bons modos, puxando uma cadeira, cumprimentando os restantes parceiros de jogo e sentando-se também.

— Não se ofenda... Olhe, a mim, às vezes, em vez de Pombinho chamam-me Borracho! - respondeu o *grande vendedor* com uma gargalhada despropositada. Mas ficou sério de imediato e começou a enrolar um cigarro de mortalha com ar muito compenetrado.

Depois, piscando o olho para o taberneiro, mandou vir mais um bagaço.

— E o que é que tem vendido ultimamente? - perguntou o Sr. Navarro, embora já soubesse a resposta.

— Ultimamente e sem ser ultimamente. A minha especialidade são relógios de contrabando.

— Então está dentro do ramo...

— Do ramo, das folhas, do fruto e da árvore! Relógios é comigo!

— E quantos vendeu?

— Na vida toda? Já lhes perdi a conta!

— Não... no último mês, por exemplo...

— Ora deixa-me cá ver... ora deixa-me cá ver...

E, começando a tirar do bolso das calças tudo o que para lá tinha, encontrou, a seguir ao lenço, à caixa de fósforos e ao porta-moedas um bilhete de metro onde estava anotado:

Relógios vendidos:

Novembro: 111

Dezembro: 1111

— Para ser honesto, é preciso dizer que Dezembro é sempre um mês muito bom... Nem sempre se conseguem esses valores...

— Mesmo assim... Está contratado!

Bem... na realidade o Sr. Pombinho era quase analfabeto e o que ele anotara não fora 111 nem 1111 mas, respectivamente, 3 e 4 risquinhos...

Metendo Água

Mas ainda era preciso esclarecer mais um aspecto importante:

A ida para o Saara...

— Ir para o Saara? Qual é o problema?! Esteja à vontade, Sr. Catarro...

— Navarro...

— Pois é, isto da exportação não se pode fazer na base da biscatada, como há para aí uns amadores a fazer! Tem que haver profissionalismo! O senhor precisa, portanto, de um profissional da profissão que vá vender relógios de sol para o Saara, não é verdade? Eu conheço isso tudo! Sabe? Trabalhei lá muitos anos.

— E fazia o quê?

— Era lenhador.

— Lenhador?! No Saara?!

Cofiado a barba, olhando para o tecto, o Sr. Pombinho procurou então arrumar ideias e recordações.

Cuspiu a beata tentando acertar no nariz taberneiro (era o código para pedir mais um copo) e retorquiu:

— Talvez não... Como lenhador acho que foi no Seará... Ou terá sido no Sarjah? Mas eu, durante trinta anos corri o mundo todo, e decerto estive no Saara! Quer ver?

E mostrou uma velha fotografia, já desbotada, com ele a dizer adeus ao povo, no convés de um vetusto submarino da Armada Portuguesa.

Sinceridade

Mas o facto de o Sr. Pombinho não conhecer o deserto tinha boa solução: era ir para lá... de camelo ou de jipe...

«O pior é a língua...», pensava em voz alta o Sr. Navarro.

— *Pas de problèmme, amigô Catarrô! Parler français é comigo!*

E deu mais uma enorme gargalhada após emborcar, de um trago só, o cálice de aguardente que o tasqueiro lhe trouxera ao ver passar a beata perto do nariz.

— oOo —

Assim, e a pouco e pouco, os problemas pareciam resolver-se, e a Makro-Teknika estava em vias de arranjar o super-vendedor que lhe faltava para se lançar na exportação, rapidamente e em força!

Mas, ao ver que o Sr. Pombinho mandava vir mais um cálice, o Sr. Navarro, de súbito, lembrou-se de uma coisa terrível:

Lá para os lados dos países islâmicos o álcool não é muito bem visto.

Enchendo-se de coragem, acabou por abordar esse delicado aspecto do problema:

— Pois agora é que eu aceito mesmo o emprego! O médico da Caixa passa a vida a dizer-me que deixe de beber, por causa do fígado, que está uma lástima...

— oOo —

E agora aqui temos, um mês depois, o Sr. Pombinho já em pleno deserto Americano!

Lá vai ele, barbudo e de albornoz, *tem-te-não-caias* às cavalitas de um camelo coxo, levando a reboque um outro, ajoujado de relógios de sol para vender a beduínos, tuaregues, ou a quem encontrasse por aqueles lados.

Eis senão quando - era de prever! - se vê cercado por um bando de indivíduos nitidamente maldispostos...

Sorrindo, com o seu ar pachola, cuspiu o cigarro que se tinha apagado, e desmontou do camelo seguindo todas as regras da arte.

Em silêncio, e perante o olhar estupefacto dos outros, estendeu uma manta na areia, dispôs os produtos por ordem decrescente de tamanho e preço, e em três tempos conseguiu despertar a curiosidade - e até a amizade! - dos circunstantes com um discurso comercial multilíngue em que apresentava as maravilhas dos relógios de última geração da Makro-Teknika!

— *Et voilà!* É tudo do *better* que há!

E, enquanto quase todos se debruçavam para ver, ele comentava para um beduíno menos interessado nos seus produtos:

— Chica, que está calor! Devem estar uns 60 graus à sombra, não? E o pior é que não há sombra! Você é daqui, aposto! Tem cara disso... Então não vai um relógiozinho?

Vendo que o homem não estava interessado nem sequer lhe respondia, mudou de conversa:

— Sabe a ideia que me dá? É que vocês, aqui, nem dão valor ao que têm! A malta lá em Portugal, nos domingos de Verão, quase que anda ao murro por um metro quadrado de areia!

Porém, ao cair da fria noite, depois de armadas as tendas e digerida uma frugal refeição, o mesmo homem, desconfiado por ter visto o Sr. Pombinho a tentar rezar como eles, resolveu provocá-lo, estendendo-lhe uma garrafa de *whisky*!

Sorrindo, o nosso amigo escusou-se.

E tentou dizer, no seu francês, que *não bebia por uma questão de «foie»*¹⁸

Os circunstantes apreciaram-no muito: perceberam que ele dizia «foi»¹⁹...

¹⁸ Fígado

¹⁹ Fé

Que Saco!

-Ora então muito boa tarde! Apresenta-se ao Comandante da Unidade o primeiro-cabo-reformado da Legião Estrangeira... Pombinho Lourenço, da Divisão de Submarinos!

Quem assim falava, com o ar mais sério deste mundo e fazendo a continência, era, como se percebe, o nosso amigo, de regresso à Makro-Teknika poucos dias depois do episódio atrás relatado.

O Sr. Navarro, à porta de cujo gabinete ele se encontrava agora, estava boquiaberto e de olhos em bico!

O outro, com um enorme saco às costas e a eterna beata ao canto da boca, sorria com quantos dentes tinha e aguardava a reacção que, de facto, não tardou:

— Já?! - estranhou o chefe levantando-se de rompante.

— Claro, grande comandante! Missão cumprida mas cumprida! Tudo despachado! Prepare o pagamento da minha comissão! Mas não precisa de se levantar por minha causa!

E vieram os pormenores saborosos:

— Aquilo lá é tudo malta terrível para o negócio, chefe! Terrível para o negócio, digo-lho eu! Conhece o ditado do gajo que *foi buscar lã e veio tosquiado*? Pois é, se não fosse a minha experiência comercial estava tramado! Os gajos, primeiro, levaram-me para um oásis. Pensei cá comigo: «Estes tipos estão a querer *dar-me a volta...*». Meu-dito-meu-feito! Pela fresquinha apareceu *pé-ante-pé* um comerciante marroquino com uma caravana de burros, e então eu virei-me para ele e disse cá para comigo: «Não me querem ver este agora?»

E o Sr. Pombinho lá continuou desfiando as suas aventuras num tom picaresco e a um ritmo infernal, sem dar mostras de se querer calar nos tempos mais próximos.

Mas o Sr. Navarro até estava a gostar de o ouvir, e nem sequer o interrompeu quando ele, com a maior naturalidade do mundo, atirou para o

chão a *beata* que apagou na alcatifa com um elegante gesto da biqueira do sapato direito.

Olhando o enorme saco poisado no chão, o Sr. Navarro imaginava-o já a abarrotar de moedas de ouro, como nas histórias das Mil-e-Uma-Noites²⁰...

As pessoas que iam passando no corredor, como viam a porta aberta e ouviam a conversa animada, paravam e, *como quem não quer a coisa*, ficavam ali, espedadas, a ver e a escutar aquele barbudo de albornoz!

E a cena podia ter-se prolongado até à noite se não tivesse acontecido um facto estranho:

O saco vertia uma areia amarela!

— Que é isso?! Mas, afinal, o que é que você traz aí?! Ouro em pó?! – e os olhos do Sr. Navarro estavam agora ainda mais desorbitados.

— Não, chefe. É areia especial. Mas já vamos analisar essa vertente da problemática.

O outro, que entretanto se tinha sentado, deu outro salto da cadeira:

— Então eu mandei-o ao Saara para você me trazer areia?!

Mas o nosso amigo Pombinho, mantendo o seu ar pachola, fez estalar os dedos, fungou, assoou-se longamente e com ruído numa ponta do albornoz («Constipei-me lá naquela terra!») e fez questão de retomar o fio da conversa:

— Deixe-me acabar, Sr. Catarro...

— Navarro!

— ... como eu lhe ia dizendo, aquilo é tudo malta tramada para o negócio! O tal marroquino começou a desvalorizar o nosso produto... Dizia-me ele assim: «Ah! Você vem lá da Makro-Teknika! E quer-me impingir desses relógios que vocês lá fazem e que têm fama de se atrasarem muito!» Mas eu pensei cá para mim: «Estamos no bom caminho! Quem despreza quer comprar!». E assim foi! Comprou-me todos os 50 relógios de sol!

— Ah! Então você sempre vendeu tudo... - O Sr. Navarro, sorrindo um pouco a medo, limpava agora a testa húmida.

²⁰ Mais outra grande confusão! As histórias das Mil-e-Uma-Noites passam-se, essencialmente, na zona de Bagdad, o actual Iraque.

— Evidentemente! Só tive que lhe comprar 100 ampulhetas. Mas eu pensei: «Olha, Lourenço, o importante é que a tua empresa se mantenha no ramo dos relógios! Isso é que é o mais importante! Só os macacos é que mudam de ramo...»

O Sr. Navarro estava de novo a ficar apoplético.

Vendo a D. Mariquita junto à porta gritou-lhe que trouxesse água.

— Um copo! Dois! Não! Traga antes uma garrafa de litro-e-meio!

— Ó comandante! Vocês aqui nem dão valor a um copo de água! Lá onde eu estive é que... Mas voltando ao meu assunto...

E ele então explicou que, face aquelas perspectivas de negócio, resolvera voltar para Portugal e vender as ampulhetas na feira de Carcavelos...

— ... ou da Malveira... E até que nem estava mal pensado, chefe! O pior foi na Alfândega!

O Sr. Navarro já nem queria ouvir! Tinha a cabeça apoiada nas mãos, os cotovelos na mesa, e soluçava baixinho...

Mas o Sr. Pombinho, tendo-se apercebido das pessoas que, formando um público atento e bem ao seu gosto, espreitavam à porta, virara-se para elas e continuara a explicar, enrolando outro cigarro:

— Ao chegar à Alfândega, pensei cá para mim: «Aquele gajo ali do boné *está-me a topar*, com ar malandro... Não estou a gostar nada da pinta dele... E um turco, que vinha comigo no avião - e que já me tinha dado uma joelhada no saco e partido algumas coisas - explicou-me, enquanto limpava o sangue: «Ó *seu* Lourenço, você ponha-se a pau! Se isso em que eu me cortei são ampulhetas... Olhe que aquele gajo do boné já é conhecido pelo *caça-ampulhetas* e vai querer que você pague direitos à tarifa de relógios antigos!».

O pessoal, à porta do gabinete do Sr. Navarro, estava *vidrado*²¹! E o *grande vendedor*, tendo-se de novo certificado, através de uma oportuna pausa, do interesse da assistência, continuou, enquanto acendia o cigarro raspando o fósforo numa placa de PROIBIDO FUMAR:

— Aí eu pensei: «Ó diabo! Temos então *bailarico*! Estamos a brincar com quem trabalha, ou quê?! Se o gajo é desses, não vai haver dinheiro que chegue!». Então, fui à casa e banho e esvaziei as ampulhetas aqui para este saco. Separei a areia da vidralhada e avancei, com toda a lata e de peito

²¹ A expressão não podia ter sido mais bem escolhida!

feito: «Ora então aqui estou eu, senhor guarda alfandegário! Diga lá de sua justiça!». O gajo franziu o sobrolho, olhou-me de esguelha e não me deu troco...

Pombinho fez uma pausa para fungar e voltar a assoar-se, após o que retomou a narração sem ser interrompido:

— Depois, o palhaço manda-me abrir o saco e começa com uma grande *música* a dizer que a vidralhada (estamos a falar da que o turco não partiu, é claro) tinha que pagar direitos à taxa de jarras exóticas! Por isso eu irritei-me e disse ao palerma: «Olhe, meu caro amigo, de camelos já eu venho servido, por isso meta mas é as jarras e os cacos no...»

Calou-se, como quem faz uma travagem às quatro rodas.

Para logo recomeçar, mas já em tom de quem está a chegar ao fim:

— Bem, adiante, que há aqui senhoras a ouvir... mas a areia passou à borla e isso é que é importante. É como o outro que dizia: «Que se lixem os dedos, mas salvem-se os anéis!» Ou ao contrário, pois depende do ponto de vista e da filosofia de vida. É assim ou não é?

E a D. Mariquita, vendo que o Sr. Navarro, chorando e soluçando como um bebé, estava incapaz de dizer qualquer coisa, não se conteve (também ela com uma lágrima ao canto do olho) e, com a voz alterada, perguntou:

— Porque é que acha que foi assim tão genial que a areia não pagasse direitos?

— Ó minha rica senhora! Então não sabe que, numa ampulheta, a areia é a parte nobre? É o cérebro! O maquinismo! O verdadeiro *software*!!

19

Pum!



Agora ainda podemos ver o grande Pombinho Lourenço, pela escada abaixo e com o saco às costas, deixando um rasto de areia pelo caminho para desespero da D. Rosa e do seu aspirador.

— Olha quem ela é! A D. Rosa! Ainda não a tinha visto! Como vai a senhora e o seu marido? Bem? Cumprimentos lá em casa!

E, dirigindo-se ao pessoal da Makro-Teknika que continuava de boca aberta a olhar para ele:

— Acabou a *matiné*. Agora deixem passar o Grande Lourenço da Arábia!

Por fim, esbarrando com Jeremias que ele não conhecia:

— Olhe lá, ó amigo! Você, que tem pinta de informático, é que me vai desenrascar! Onde é que se arquiva isto?

— oOo —

Logo a seguir à triste história que se acabou de contar o Sr. Navarro ligou o computador e, fora de si, activou o processador de texto para escrever o relatório de tão incrível aventura.

Ora quem costuma usar o *Windows* sabe que, quando uma tarefa está em curso, aparece por vezes uma ampulheta no *écran* enquanto se espera.

E, quando lhe dá para bloquear, esse inofensivo ícone pode fazer enlouquecer até mesmo a pessoa mais calma.

O estrondo que se ouviu na Makro-Teknika, nessa altura, era *o ruído típico* de um monitor a ser escaqueirado contra uma parede.

A partir desse dia, e lá na empresa, todos os computadores foram alterados e o símbolo da ampulheta proibido.

Só nunca se soube quem foi o brincalhão que, no computador do Sr. Navarro, pôs um ícone a representar... um saco de areia! E, em imagem de fundo, um camelo coxo e sorridente a piscar o olho!

O Temível *Mister X*



A suposta passeata do Sr. Pombinho ao Norte de África caiu muito mal na Makro-Teknika...

Ninguém acreditava, verdadeiramente, que ele tivesse saído de Portugal. Se fora para sul, decerto parara no Algarve e por lá ficara...

E foi por isso que Jeremias quis mandar analisar a areia que o homem trouxera (supostamente do Saara) para ver se, por acaso, não seria do mesmo tipo da que se encontrava na Ericeira, na Costa do Estoril ou na Praia da Rocha.

Mas não foi possível pois, vendo-se em vias de ser desacreditado, o Sr. Pombinho fizera desaparecer misteriosamente o seu saco de batatas supostamente cheio de areia do deserto...

E a D. Rosa já esvaziara o saco do aspirador onde alguma areia ainda podia estar.

Jeremias, então, resolveu chamar o nosso *artista* e pedir-lhe algumas explicações...

Vamos encontrá-lo na sala do grande gestor, sentado provocadoramente nos braços de um cadeirão, de perna traçada e tentando acender um fósforo na sola do sapato esquerdo...

Antes que pudesse ser confrontado com as suspeitas que sobre ele recaíam, declarou, em tom displicente:

— Pois muito me conta, chefe... muito me conta... Afinal o senhor é que manda aqui na casa?! Pois calha mesmo bem, porque então é para si que o *Mister Xis* manda cumprimentos...

A frase fez o efeito pretendido!

Jeremias, que não sabia como começar nem se sentia à-vontade para interpelar e desmascarar o figurão, mordeu a isca ingenuamente. E ei-lo a querer saber mais:

— O *Mister Xis*?! Quem é esse sujeito?!

Pombinho fez um ar espantado:

— *Quem é esse sujeito?! Ó chefe!* Toda a gente que tem negócios com países do Norte de África conhece o *Mister Xis*! (Aliás, como a rapaziada para aqueles lados fala francês, alguns chamam-lhe o *Monsieur Xis*). Pode mesmo dizer-se que não se vende nada por ali sem que apareça esse patusco a querer uma comissão! Veja lá que o último camelo que eu lhes vendi...

Mas Jeremias interrompeu-o:

— Deixe lá os camelos! Fale-me mas é desse homem, que deve ser importante para expandirmos os nossos negócios no Magrebe!

— Bem... eu, pormenores, não sei... Senão o homem também não se podia chamar *agente secreto*...

— Além de agente de negócios também é agente secreto?! – Espantou-se o pobre jovem, que não conseguia fechar a boca de espanto.

— Chefe, dê-me tempo e espaço de raciocínio, que eu explico tudo. Pouco ou nada sei; mas, somando o que vi com o que me disseram... acho que consigo compor o filme todo.

Puxou uma fumaça, pigarreou, e foi dizendo:

— O tipo parece que mora metade do ano na Sicília, outra metade em Chicago e a outra metade em Marselha. É tu-cá-tu-lá com os *gangsters*... controla aquela Máfia toda... Está a ver a *película*, chefe?

— Sim, sim... E depois?

— Depois... bem, depois... – Pombinho procurava ganhar tempo – Acho que descobri o grande segredo dele.

Levantou-se, foi ver se ninguém estava à escuta. E estava... a D. Rosa, claro...

— Dá-me licença, D. Simpatia? – Delicadamente fechou a porta no nariz da prestável senhora e prosseguiu, em voz conspirativa, regressando ao cadeirão:

— Pois, tal como o 007 trabalha para a Rainha de Inglaterra o gajo foi contratado pelo rei da França para contrabalançar a coisa.

— O rei de França?!

— Sim, chefe. Não me interrompa. Parece que a ideia era ele ser o 006, para se antecipar... Está a ver a coisa?

— Sim, sim... E depois? – O nosso amigo franzira o nariz, nada convencido mas cada vez mais curioso.

— Bem... – Pombinho fungava, à procura de uma saída para a história que ia inventando – Parece que, para os amigos, era só o “6” ...

— E o que é que isso interessa, Sr. Pombinho?

— Interessa muito, chefe! É a génese, a origem, a explicação do nome de guerra dele!

E continuou enquanto fazia, lentamente, largos gestos no ar:

— Parece mesmo que estou a ver o *Mister*! Ali, num daqueles bares das docas de Marselha... A controlar os gajos todos... a contactar os cúmplices... a controlar as mulheres da má-vida... Parece mesmo que estou a vê-lo...

— Você chegou a vê-lo?! Chegou a estar com esse tal *Mister Xis*?! – Indagou Jeremias, incrédulo, mas achando que, apesar de tudo, podia haver um qualquer fundo de verdade naquela verborreia toda.

O homem não respondeu logo. Levantara-se, passeara pela sala de olhos semicerrados, e estava agora com o nariz esborrachado no vidro da janela, olhando para o infinito, como se estivesse em transe.

— Sente-se bem? – Perguntou o nosso amigo levantando-se, preocupado.

Mas o outro, fingindo ignorá-lo, continuou:

— É como se o estivesse a ver... Ali está ele, ao canto, sentado a uma mesa suja... Tem na frente uma garrafa de vinho Bordéus quase vazia... Bebe copo atrás de copo... Nessa altura entra no bar um cúmplice... Ou talvez o chefe dele, sabe-se lá! Trata-se de um homem fino, de chapéu de coco e porte altivo... Está manifestamente deslocado naquele ambiente... Mas, por estranho que pareça, parece sentir-se muito à-vontade, e abre caminho com maus modos, agitando a bengala para um lado e para o outro. Deve ser o chefe da *troupe*, senão arriscava-se a levar logo uma navalhada... Por fim, vendo o nosso *Mister*, senta-se na frente dele...

— E você assistiu *mesmo* a isso tudo?! – Interrompeu Jeremias, entre incrédulo e admirado.

Mas o outro nem respondeu. Continuou, sempre de olhos fechados, como se estivesse em transe e a receber as imagens por telepatia:

— Imagine a cena, chefe, mas a preto e branco... Estão agora os dois frente a frente... Olhos nos olhos, só com a garrafa e o copo a separá-los... Vê-se que o recém-chegado tem altivez... autoridade... E pede ao outro, em tom duro, que se identifique! Está a ver o atrevimento, chefe?!

— Sim, sim... e depois?! – Jeremias continha o riso com dificuldade.

— Depois... Bem, depois dá-se o previsível! O 006, ofendido, atira a cadeira ao chão, faz voar a mesa pelos ares, parte a garrafa no balcão e saca de um cartão em que está escrito “SIX” que, como toda a gente sabe, é “seis” em francês...

— E em inglês, também. Mas o que é que isso interessa?

— O que interessa é que o outro, pegando no cartão ao contrário, leu XIS em vez de SIX.... E foi a partir daí que ele passou a ser conhecido pelo *Mister XIS*.

Jeremias fingia estar a acreditar naquilo tudo.

Vendo que a história se aproximava do fim, e necessitando desesperadamente que chegasse a hora de saída para a qual já não faltava muito, o Sr. Pombinho, sentando-se de novo e atirando a beata para o chão, comentou apenas:

— Mas há uma outra versão para a origem da alcunha desse refinado *gangster*...

E Jeremias, mais uma vez, não resistiu:

— Conte, conte!

Enquanto pensava: «Este tipo fala tão bem que, se não tiver que o despedir, meto-o nas Relações Públicas!»

— Pois o nosso *Mister Six*, para se infiltrar bem no *bas-fond* (sabe o que é o *bas-fond*, chefe?) começou a andar mal-vestido... com a barba por fazer... Enfim, passou a fazer-se de parvo e de imigrante analfabeto...

Pombinho olhava discretamente para o relógio de parede... Faltava só um minuto para a hora de saída e ele sabia que a libertação estava próxima... Por isso continuou, calmamente e fazendo render bem as palavras e o tempo:

— O homem, para se fazer passar por analfabeto, pegava nos jornais ao contrário e tudo! E dizia também, com fingida vergonha, que não sabia escrever...

Seis horas certas! Jeremias levantava-se, abria o cacifo, tirava o casaco, sorridente:

— Se ainda falta muito, conta-me o resto amanhã, Sr. Pombinho.

— É rápido, chefe! – E o espertalhão ajudava o nosso amigo a vestir-se...

— Então vá lá, desembuche!

— O grande pirata, para ter acesso aos altos negócios internacionais sem levantar suspeitas, procurava, como lhe disse, mostrar-se verdadeiramente analfabeto. E, para isso, o que é que ele fazia? *Assinava de cruz!!* Foi daí que, segundo outros, lhe veio *a tal alcunha...*

Só à Pancada!

Como se compreende, no seguimento desta história rocambolesca e antes que alguém o despedisse, o Sr. Pombinho, por sua própria iniciativa afastou-se da Makro-Teknika.

Mas não se pense que o fez despeitado. Nada disso!

Continuou a guardar gratas recordações da empresa que lhe proporcionara tão ricas experiências de vida, e enchia a tasca com as suas aventuras no deserto!

—Sabem que conheci o neto do Ali-Bá-Bá e o 41º ladrão? Sabem quantos bandidos eu enfrentei a pontapé?

Mas, entre os ouvintes, havia um, muito especial, que o escutava sempre com muita atenção:

Era o Sr. Marcolino, o ourives careca...

Ora um dia belo dia o nosso Pombinho reparou que, talvez por não estar a renovar suficientemente o repertório de histórias, só o Sr. Marcolino é que lhe estava a dar ouvidos.

Então, aproximando-se dele com ar fraternal, comentou:

— Já vi que você, apesar de ser rico, sabe dar valor às dificuldades da vida!

— Não é por isso...

— Então?! É por você ser ourives e eu contar que trouxe da Arábia um saco de batatas cheio de ouro em pó?

— Também não...

Como se vê, as histórias do Sr. Pombinho tinham evoluído. Além de a areia ter sido transformada em ouro, como pretendia o Sr. Navarro, também o Norte de África tinha sido deslocado para a Arábia por forma a credibilizar melhor o facto de ele se auto-proclamar Lourenço da Arábia.

Mas o ourives não se descosia.

Até que, ao fim de alguns copos de aguardente, desabafou:

— Eu vejo que você se especializou em relógios...

— Nisso e em muito mais, meu caro amigo! Especializei-me em tudo! Mas diga lá de sua justiça! Quer um gerente para a sua chafarica? Se é isso, está a falar com o gajo certo!

E veio-se então a saber que o Sr. Marcolino tinha a montra cheia daqueles relógios que recebem a sua energia dos movimentos do pulso das pessoas que os usam.

— É uma grande invenção, mas tem muitos inconvenientes, muitos inconvenientes!

— Isto é como tudo na vida, amigo Marcolino - filosofou o grande aventureiro enquanto acertava com a beata - desta vez sim! - no nariz do tasqueiro.

E, tendo em consequência disso vindo mais uma aguardente, e como o tom da conversa estava a descambar para a filosofia da vida, achou por bem meter alguns ditados à mistura:

— Nestas coisas, já se sabe: *não há duas sem três, e grão-a-grão enche a galinha o papo.*

Apesar do despropósito da frase, o ourives anuiu e desabafou:

— Além de me ter prejudicado o negócio de venda das pilhas, agora a montra tem um aspecto desgraçado! Dantes, tinha ali todos os relógios certinhos, tudo tic-tac, tic-tac... Agora estão todos mortos, cada um a indicar a hora em que parou!

— Ora aí está o ditado! *Quanto mais depressa mais devagar!* E em que é que eu posso ajudar?

— Isso queria eu saber... Você não diz que é um perito em relógios?

E foi assim que o nosso Pombinho passou a ter um novo biscato:

Especialista em gestão temporal de relógios cinético-dinâmicos.

De duas em duas horas levantava-se da tasca, deixava o albornoz na cadeira para marcar o lugar, atravessava a rua e ia até à loja do ourives-relojoeiro.

Depois, sem entrar nem perguntar nada, cumpria a sua função sem a qual os relógios dinâmicos parariam em breve:

Um subtil pontapé na montra, dado com conta, peso e medida...

O Convite



-Hoje faço anos, Sr. Engenheiro... Seria muito atrevimento convidá-lo para jantar em minha casa?

Quem assim falava, com voz doce e depois de ter batido suavemente no vidro porta, era a D. Mariquita, a Secretária!

Jeremias ficou sem fala! Fechou os olhos por uns segundos, e fez desfiar no cérebro todas as possíveis hipóteses para se livrar de tão estranho convite...

Mas foi tempo demais...

— Eu sabia que aceitava!

Assim, à hora marcada, o nosso amigo - no "seu" Mercedes preto e com um ramo de flores que a D. Rosa lhe sugeriu que levasse - lá apareceu, morto de timidez, à porta da casa da simpática senhora...

O resto da história só pôde ser conhecido através do diário do nosso jovem...

Reza assim:

— oOo —

«Querido diário,

Durante muito tempo a Mariquita fez a vida negra ao *Doctor Robert* com a sua recusa em aprender a trabalhar com o processador de texto²². Mas, a partir de certa altura, pareceu-me ser "recuperável".

Vou explicar como e porquê.

Comecei a ouvir dizer que a Mariquita cozinhava bem. Mesmo MUITO bem!

E então de que é que eu me havia de lembrar?!

Fiel ao princípio de que mesmo as pessoas mais avessas às tecnologias são capazes de aderir a qualquer uma (desde que percebam claramente que lhes pode resolver problemas reais), lembrei-me de lhe dizer que podia gerir as suas receitas de maneira verdadeiramente revolucionária se dominasse algumas coisas de computador!

Começou por me olhar de esguelha quando ouviu a palavra *revolucionária*, mas acabou por me dar ouvidos quando pus a tónica do meu discurso nos doces e nos refogados...

E foi assim que me escutou, com atenção não fingida, a perorar pela vigésima vez sobre as maravilhas dos processadores de texto, as possibilidades de digitalizar revistas com receitas fabulosas, e até - pasme-se!! - as incríveis vantagens dos *sites* e *newsgroups* especializados disponíveis na Internet!

O seu interesse, embora moderado, levou-me um dia a convidá-la para ver o que eu tinha no meu computador, pois preparara-lhe uma grande surpresa relacionada com isso:

Pedi à D. Rosa que trouxesse café e um prato com bolachinhas para junto do PC e do *scanner*, e mostrei-lhe como digitalizara receitas da D. Maria de Lurdes Modesto dum jornal antigo...

Claro que não teria sido necessário pôr em *bits* as receitas da mestra para as passar à prática, mas o pretexto era mais do que bom para levar a Mariquita, a pouco e pouco, a familiarizar-se com estas coisas da informática...

O tempo foi-se passando, e agora imaginem a minha cara quando um belo dia soube que ela comprara, lá para casa, um computador multimédia, se ligara à Web, e se preparava para praticar o melhor que pudesse!

²² Ver a história «Aquela Máquina!» em «Operação Jeremias».

E tive a surpresa suplementar de ontem ser convidado para um dos seus magníficos e inesquecíveis jantares de aniversário!

E lá fui eu, um bocado envergonhado, pois não tenho muita experiência de lidar com mulheres mais velhas... De qualquer forma, achei melhor não dizer nada à Mariana²³, o que foi aliás, mais um conselho de *vivência* que me deu a D. Rosa quando soube do convite para esse jantar...

Ainda antes de irmos para a mesa, a Mariquita surpreendeu-me novamente:

Pegando-me pela mão (usando uma inesperada intimidade que me confundiu...), arrastou-me para a salinha onde montara toda a parafernália que normalmente põe os inforfóbicos a coçar-se, e mostrou-me aquela tralha toda...

Depois, ligou-se à Internet (com um *modem* rápido que me fez arder de inveja!) e entrou pelos *chats* e pelos *newsgroups* adentro como pessoa que nunca fizera outra coisa na vida!

Depois de ver as mensagens que fervilhavam - no seguimento de uma discussão sobre doces que ela mesmo atiçara - escreveu meia dúzia de respostas com os dedos a voar pelo teclado e recostou-se na cadeira como quem sente que acabou de cumprir um dever.

— Só há uma coisa com que ainda não me entendo: é com o Windows propriamente dito... Mover ficheiros... os *Saves*, os *Copies*... isso é que nunca mais aprendo a fazer bem...

Mas decerto lá iria, pois com aquela força de vontade havia de ser apenas uma questão de tempo!

E foi com um brilho nos olhos que, já bastante tarde, mandou servir o jantar.

Mandou... escrevi bem! Porque ela, inclusivamente, arranjava uma empregada doméstica para ter mais tempo vago para se dedicar à informática!

— Sabe o que é que está a comer, Sr. Engenheiro? - perguntou-me a certa altura com um sorriso misterioso, ignorando o pedido que eu já antes lhe fizera para não me tratar com tanta cerimónia.

Mas eu não sabia nem conseguia adivinhar... Aliás o que eu meta à boca até me estava a fazer alguma confusão (para usar um eufemismo que me dispense de dizer o que me apetecia, de facto, fazer...)

²³ Tratava-se da namorada do Jeremias nessa altura, como se percebe.

— Digamos que é uma *receita digital*... - esclareceu ela, mantendo o misterioso sorriso, onde pude descortinar um misto de gozo e preocupação.

Senti invadir-me um espanto ainda mais forte do que o enjoo...

— Pois... sabe? com a confusão dos *file-saves*, dos *copy-pastes* e dos *page-setups*... olhe, baralhei as receitas todas! O que está a comer, **julgo eu...** deve ser um rissol de camarão com molho de chocolate...»

Estúpido, Vírgula!

Não foi por acaso que se falou aqui tanto - e de novo - da D. Mariquita.

É que ela foi destacada para, sozinha, resolver um grave problema na Tekno-Lyrika, empresa especializada no fabrico de papel de música.

Pois talvez estejam recordados que, em tempos que já lá vão, a D. Mariquita escrevia todas as cartas à máquina.

Depois elas eram passadas num *scanner*, os caracteres devidamente identificados pelo programa de OCR²⁴, e o produto finalmente analisado pelo nosso amigo Jeremias num corrector ortográfico...

E foi por ter reconhecido (embora tardote...) que havia meios mais práticos de efectuar todo esse trabalho que ela encarou com boa disposição e à-vontade a sua nova missão de *consultora-dactilo-ortográfica* junto da Tekno-Lyrika ...

Ora o grande problema da Tekno-Lyrika é que a primeira tentativa para começar a usar técnicas digitais dera logo origem a um despedimento!

A história passara-se assim:

Havia, naquela estranha empresa, várias máquinas de telefax, cada uma delas ligada a um número de telefone diferente.

Era normal, portanto, quando havia um aparelho estava ocupado, os empregados usarem qualquer um dos outros.

Inversamente, as pessoas mais conhecedoras desses meandros usavam por vezes esse truque para enviar faxes para lá.

E então assistia-se à cena divertida de ver as senhoras do Secretariado do 4º andar a retransmitirem faxes para o 3º andar, as do 3º andar a enviarem para as do rés-do-chão com cópias para o 5º, e assim sucessivamente e vice-versa...

²⁴ Abreviatura de *Optical Character Recognition*, Reconhecimento Óptico de Caracteres

Ora, quem conhece este tipo de tecnologia analógica, sabe bem que, de cada vez que é retransmitido, um fax vai perdendo qualidade a ponto de, por vezes, ficar ilegível.

E era isso, claro, o que ali acontecia.

Um belo dia o Sr. Sustenido, funcionário novo lá na casa, estava para o estrangeiro e precisou de enviar um fax para o Director com um exemplo de uma minuta para a qual precisava de aprovação superior.

Vendo que o da Secretária dele estava impedido, enviou-o para outro, com o correspondente pedido de retransmissão.

Ora coincidiu isso com a aquisição de um *scanner* lá na empresa, pelo que a Secretária do Director, que recebeu o fax na sua última versão, vendo-o com tantos riscos e pintinhas, resolveu fazer um brilharete e dar uso a essa *modernice*, digitalizando o texto da minuta.

Dado tratar-se apenas de um exemplo (para o qual queria o acordo de princípio do Director), o Sr. Sustenido inventara, para o seu texto, uns nomes ao acaso, só para explicar bem o que queria dizer.

Mas havia um problema suplementar com que ninguém contara:

É que um *scanner*, mesmo associado a um bom programa de reconhecimento óptico de caracteres, não distingue uma caganita de mosca de um ponto final; nem um risquinho provocado por uma má transmissão de uma simples vírgula.

E foi assim que o fax que o Sr. Sustenido escreveu o empurrou direitinho para o Fundo de Desemprego:

Uma irritante mancha microscópica (das muitas que o papel tinha) impôs uma vírgula impertinente algures na frase:

«Isto é apenas um exemplo idiota!»

Com-Texto Sensível

Mas é para corrigir esses e outros problemas que há, felizmente, os correctores ortográficos *sensíveis ao contexto* da frase²⁵.

Se alguém escrever, por exemplo, «O Manel houve mal», um corrector ortográfico mais burro pode resmungar com a palavra *Manel* (e sugerir que se corrija para *Manuel*); mas, quanto ao *houve*, limita-se a verificar que a palavra existe e dá o texto como bom.

Por outro lado, um corrector ortográfico *sensível ao contexto* sugere logo a substituição de *houve* por *ouve* e passa à frente.

Além de tanta inteligência sob a forma de *bits*, ainda há outros programas que tomam a liberdade de nem sequer perguntar: corrigem a palavra para o que eles *acham que deve ser...* e seja o que Deus quiser!

Pois foi por causa de um destes programas super-inteligentes vendidos pela Makro-Teknika que um dia o nosso amigo Jeremias recebeu mais uma instrução no computador enviada, como de costume, pelo seu misterioso Anjo da Guarda:

«Manda a D. Mariquita visitar o Sr. Epifânio, que agora está a trabalhar na Tekno-Kasa²⁶. Ele está a precisar muito de ajuda!»

«Cá está o meu amigo, oportuno como sempre, a tentar arranjar trabalho cá para a empresa!» - pensou ele em voz alta.

— Ó D. Rosa, a senhora faz ideia do que será feito do nosso *Doctor Robert* ?! - perguntou, aproveitando o facto de ela estar por perto, aspirando, como sempre, a alcatifa do gabinete.

— Sei tanto como o senhor engenheiro... Desapareceu, com o cão e tudo! Porque é que não lhe pergunta, já que ele lhe escreve tanto aí para o computador?

Jeremias explicou então que, por mais que perguntasse, não conseguia nada além das sucessivas e oportunas mensagens que apareciam quase

²⁵ No exemplo da história anterior não se sabe bem o que aconteceria...

²⁶ Lembram-se da história da publicidade ao xarope Emagrex?

todos os dias no seu correio electrónico sobre a melhor forma de resolver os problemas da Makro-Teknika!

E, de facto, se a empresa não singrava melhor não era por falta de palpites ou conselhos do Anjo da Guarda electrónico!

Mas... como é que o *Doctor Robert* estava tão a par daquilo tudo?!

Quem seria que o andava a informar tão bem e com tanto pormenor?! Ele próprio, em tempos, falara-lhe de microfones escondidos, precisamente ali no seu gabinete! E contara até que o cão tinha encontrado um, mal camuflado entre os pelos da alcatifa!²⁷

Mas, pelos vistos e noutra sítio qualquer, devia estar outro microfone! Sabe-se lá se não haveria até uma câmara escondida! Mas onde? Havia ali tanta mobília, tanto sítio propício a uma coisa dessas...

— oOo —

Mas deixemos isso - que, pelo que se vê, é precisamente o mistério que vai acompanhar este livro até ao fim... - e vejamos qual foi o problema que a D. Mariquita teve de enfrentar:

A Tekno-Kasa era uma empresa imobiliária que apostara em força na construção de uma pequena urbanização de luxo no meio de uma frondosa mata, muito conhecida pela existência de um vetusto mosteiro do século XVIII e de um convento de freiras muito jovens e bonitas.

E o Sr. Epifânio, que já conhecemos da história da Tekno-Xarope e que também trabalhava na Tekno-Kasas de vez em quando, tinha sido encarregado de tratar da respectiva publicidade na imprensa...

Fizera o anúncio o melhor que pudera, e mandara para a tipografia o seguinte texto:

«A nossa urbanização orgulha-se da sua esmerada arquitectura e dos seus primorosos acabamentos. A sua localização, junto ao Mosteiro (...) e ao Convento de Freiras (...) ²⁸, a juntar à beleza do local, transmite-lhe um ambiente de forte *ezotismo*»

O Chefe, ao ver esse erro de ortografia no fim do anúncio, espumara de raiva!

E a D. Mariquita, ainda na Recepção, pudera ouvir:

²⁷ Por isso é que a D. Rosa passara a aspirá-la todos os dias.

²⁸ O editor mandou que se omitissem os nomes. As moradias, de qualquer forma, já estão todas vendidas.

— Não sabe como se escreve *exotismo*?! Porque é que você, seu idiota, não usou o corrector ortográfico?!

E, pouco depois, lamentava-se o pobre Epifânio para a nossa amiga:

— Cada vez percebo menos destas modernices! Com a história da *correção sensível ao contexto*, esse corrector ortográfico, seja o que for que eu escreva, emenda-me sempre para *erotismo*!

Reconhecimento Bocal

Não se poderá deixar passar sem menção uma pequena história que ia pondo o nosso herói completamente louco sem saber como resolver um outro problema bicudo.

Aconteceu que na Tekno-Velas (empresa que fabricava velas de estearina e velas para barcos²⁹) se começaram a usar, a certa altura, computadores com reconhecimento de voz.

E isso parecia ser uma óptima solução, não só para essa como para todas as outras organizações em que as pessoas convivem mal com ratos e teclados.

O pior... bem... o pior...³⁰

Imaginem-se os esforços de programação que o pobre do Bill Gates teria que desenvolver para identificar devidamente frases como «Velas belas só na Tekno-Velas!» quando pronunciadas por funcionários – e lá havia muitos! - que trocavam os “V” pelos “B” e outros que trocavam os “S” por “X”...

O nosso herói, depois de muito pensar, acabou por afirmar que a única maneira era o pessoal aprender, de facto, a trabalhar com o teclado...

Mas o patrão, homem arguto, já tinha pensado nisso:

— Não, *xenhor* engenheiro... *Ixo* não pode *xer*... *Bou majé* ter que contratar outras *pexoas*...

E explicou o que dizia, apontando para a zona do lado esquerdo de um teclado de computador.

²⁹ «Para aproveitar o prestígio do nome» - decidira o patrão.

³⁰ Como é que se há-de explicar o problema sem ferir susceptibilidades regionais?

Jeremias ficou de boca aberta pois, de facto, nunca reparara num *pequeno* pormenor:

Em todos os teclados a tecla do “X” está mesmo ao lado, e equidistante, das do “S” e do “C”!

E, um pouco mais à direita, a tecla do “V”, logo por azar, está mesmo pegada à do “B”!!

O Chico-Americano

Mas nem sempre era preciso os nossos amigos deslocarem-se às firmas em crise. A fama da Makro-Teknika começara a espalhar-se e passou a ser frequente, pelo contrário, aparecerem na Recepção pessoas de outras empresas a pedir ajuda.

E foi esse, precisamente, o caso do Chico-Americano, emigrante retornado que um dia lá apareceu, quase a chorar, a pedir o urgente apoio de um *legista com conhecimentos de informática!*

O nosso amigo Jeremias mandou então chamar, e muito a propósito, o Comendador Bisnaguinha que, apesar de trôpego e octogenário, mantinha vivo o espírito crítico e os seus conhecimentos de Direito Civil.

— oOo —

O tal Chico-Americano era um comerciante que recomeçara a sua vida em Portugal partindo praticamente do nada.

A sua primeira actividade fora comprar computadores velhos e obsoletos para os desmanchar e vender em peças. Mas em breve descobriu que, em vez de os comprar, podia - pelo contrário - receber dinheiro para libertar as empresas desses monos!

Em seguida, caindo como sopa no mel, descobriu que havia algumas tão atrasadas que nem sequer dispunham de computadores obsoletos.

Ora, tendo ele descoberto uma extraordinária concentração desse género de empresas ali para os lados da Makro-Teknika, para lá se mudara, com armas e bagagens, que é como quem diz com computadores velhos e *software* pirata.

Arranjara uma *roulotte*, estabelecera-se mesmo ao lado da do Joaquim dos petiscos, e lá estava ele, sempre atento e sorrindo, por debaixo do cartaz:

Barato e com garantia,
Só no Chico-Americano!
Assistência noite e dia,

365 dias por ano

Ora acontecera que, cerca de um ano atrás, no fim de Fevereiro, aparecera por lá um americano verdadeiro para lhe comprar um computador.

Conversa para aqui... conversa para ali... o homem tinha dito que estava de passagem e precisava de um portátil barato só para esse dia, para trabalhar no avião que, por acaso, partia poucas horas depois para Boston.

Pensando que nunca mais o voltava a ver, o Chico aproveitara para despachar um mono cheio de vírus que por ali andava no chão aos pontapés e a ganhar pó: duas sopradelas, um pouco de *spray* para matar as baratas, e toca a andar!

Agora imagine-se a cara dele quando, no dia seguinte, viu aparecer ao fundo da rua o americano (que, pelos vistos, perdera o avião), com o computador debaixo do braço esquerdo, um taco de basebol na mão direita, e - já se vê... - cara de poucos amigos!

Ora, sabendo como os americanos são danados por uma briga e para exigir indemnizações fabulosas por tudo e por nada, o Chico não esteve com meias medidas: fechou os taipais à pressa e escondeu-se por entre as bilhas de gás da *roulotte* dos petiscos...

— oOo —

— E então em que é que o nosso serviço de apoio técnico-jurídico o pode ajudar, Sr. Francisco? - perguntou o Comendador, satisfeito por poder ser útil ao fim de tanto tempo de inactividade.

— O homem não me bateu porque não me apanhou, mas pôs-me em tribunal e o julgamento é para a semana...

— Mas, se você lhe tinha dado garantia, porque é que não lhe reparou o computador ou não lhe deu outro? - quis o nosso causídico saber.

— Não lho reparei porque não sei fazer nada disso. E não lhe dei outro, porque não tinha mais nenhum... Mas, na altura, o que eu tive foi medo do gajo...

— Eu estava cá a pensar numa coisa... - comentou o Comendador coçando o nariz - Talvez você tenha sorte... Ora mostre-me cá o papel da venda... E você diz, então, que o homem lhe apareceu no dia seguinte...

— Exactamente.

— E a queixa dele é feita porque você não o atendeu nesse dia?

— Exactamente. Chegou lá e deu com o nariz nos taipais.

— Então está safo, caro amigo - rematou o jurista, levantando-se e dando o assunto por encerrado. - O seu compromisso era de dar assistência *365 dias por ano*. E isso passou-se, pelo que constato, no dia 29 de Fevereiro...

Um Ar que lhes Deu...

Não foi por acaso que veio a propósito falar do americano. É que a história não acabou aqui!

Quando já se preparava para o enfrentar no julgamento, o Chico conseguiu convencer o outro a desistir da queixa em troca de um excelente negócio.

Tratava-se, em resumo, do seguinte:

Uma daquelas empresas da zona onde ele tinha a *roulotte* precisava de instalar um equipamento de ar condicionado central.

E, querendo poupar o mais possível em técnica, material e engenharia, a firma recorrera ao Chico-Americano para ver se ele conheceria alguém que fizesse o trabalho por um preço acessível.

— Trato eu disso! - oferecera-se ele com a maior das naturalidades.

E assim, aproveitando as muitas horas livres que a sua actividade lhe deixava, equipou-se com um estirador, lápis, borracha e régua... e toca de fazer um projecto como deve ser!

No entanto, quando chegou à altura da concretização, o cliente achou que aquilo tudo ia sair muito caro, pelo que lhe pediu para refazer algumas partes da especificação considerando equipamentos mais baratos.

O tal americano entra aqui na história porque o Chico lhe propôs que fosse ele a fornecer termostatos (de contrabando, evidentemente), a trazer da América numa das suas muitas viagens a Boston.

Mas, nesse seguimento, veio-lhe também a ideia de propôr ao cliente um sistema de regulação do ar condicionado que permitisse uma só temperatura, pelo que, desde que se escolhesse uma que fosse agradável durante todo o ano e para a maioria das pessoas, se poderia - também aí - poupar muito dinheiro.

Estipulou-se então, e uma vez ouvidos os funcionários da empresa que iria ser contemplada com o projecto, que 20° C seria um valor muito bom.

E foi assim que o americano se fartou de ganhar dinheiro.

Mas o problema veio depois, e o nosso amigo Chico teve até que andar fugido por uns tempos:

É que ele não sabia que na América, quando se fala de graus, as pessoas se referem a *graus Farenheit!*

E ele nunca mais esquecerá a expressão, que aparecia referida várias vezes no respectivo processo de tribunal:

+ 20° Farenheit = - 6° Celcius

Olhem Só!

Também não foi por acaso que aqui se falou da história do ar condicionado regulado para os 6 graus negativos...

É que era por causa de um problema desses que o sistema de identificação de pessoas através das impressões digitais nem sempre funcionava correctamente:

O pessoal, com frequência, recusava-se a tirar as luvas ou nem sequer se lembrava de o fazer³¹...

Pois talvez tenha sido por isso que a Tekno-Piscas se lembrou de instalar um novo sistema de segurança para acesso aos seus computadores.

E lá foi a Makro-Teknika consultada para fornecer um dispositivo da mais alta fiabilidade!

Depois de muito trabalho de investigação por parte do Eng. Patusco a Tekno-Piscas viu os seus computadores protegidos por células especiais que analisavam a íris dos olhos das pessoas autorizadas a trabalhar com eles.

Mas, quando tudo parecia estar a correr bem e a factura do trabalho já ia a caminho, eis que chega a primeira grande reclamação:

O computador da D. Tecla, a Chefe da Contabilidade da Tekno-Piscas, dava uma mensagem:

ACESSO INTERDITO !

sempre que o seu adjunto, o Sr. Viezes, que chegava mais cedo, desbloqueava o seu...

— A tecnologia é que tem que se humanizar, tem que se adaptar às circunstâncias! - era a D. Tecla a protestar com o nosso amigo Jeremias.

É que o Sr. Viezes, o tal adjunto, era estrábico...

³¹ Trata-se da história «Identifique-se!», do livro «Crónicas da InforFobia».

Tolerância, Zé!

Como já se disse Jeremias não tinha automóvel.

Embora isso fizesse desesperar Mariana, a namorada, (que achava que a situação não tinha jeito nenhum), ele continuava a ir para o trabalho de bicicleta ou de autocarro (conforme o boletim meteorológico recomendasse), e o Sr. Jacinto lá o ia buscar para os últimos quinhentos metros do percurso como se ele tivesse carro com motorista.

Apenas a D. Rosa e a jovem estavam a par desse pequeno *truque de vivência*...

Talvez devido ao facto de não precisar de conduzir o nosso amigo nunca dera a devida atenção aos incríveis métodos primitivos e infortrôpegos que a polícia usara nos últimos anos para passar e processar as multas.

Mas o Sr. Jacinto apreciava sobremaneira toda essa ineficácia tecnológica e dizia, muitas vezes:

«Deixe-os estar assim, senhor engenheiro... deixe-os estar assim! Oxalá eles nunca se modernizem muito...»

— oOo —

Mas tudo isso passara.

Agora, em pleno Século XXI, o recém-criado Ministério dos ABC (Acidentes e Bate-Chapas) informatizara-se!

E Jeremias estava, precisamente, a visitar o CCC (Centro de Controlo de Civismo), onde equipamento de alta tecnologia vigiava, por satélite, todas as estradas e viaturas portuguesas, de noite e de dia, quer fizesse chuva, quer fizesse sol!

Um gigantesco *écran* de parede, com o formato aproximado do país, mostrava uma infinidade de pequenos pontos coloridos.

E explicava o Capitão Xenofonte:

— Os pontos amarelos são as viaturas que estão mal estacionadas ou a cometer uma infracção ligeira. Os roxos representam os carros roubados ou

os que estão a cometer uma infracção grave. Os vermelhos são os que estão a cometer uma infracção muito grave...

E uma mancha difusa de milhares de irrequietos pontos vermelhos polvilhava o *écran*!

— Agora vamos fazer uma ampliação numa zona ao acaso.

E, como que por magia, o *écran* passou a mostrar um pequeno carro em manifesta exibição de acrobacias no asfalto...

Ao lado, um outro *écran* mais pequeno, só com texto, mostrava uma série de dados relativos ao condutor que o Capitão passou a ler em voz alta:

— O *artista* que, em tempo real, aqui vemos *a actuar*, vai a 205,2 km/h, está completamente alcoolizado e acaba de atropelar cinco pessoas. Nos últimos dias fez virar uma camioneta de passageiros... Tanto quanto sabemos trata-se de um jovem em fase de afirmação pessoal...

— E não se pode prender o homem, Sr. Capitão?!

— Calma, meu amigo! Não é assim tão fácil! É que o *artista* não é parvo de todo! Ora repare: ele só circula em vias de "Tolerância 5"³²... Além de que a nossa função, aqui, é informativa, e não repressiva. Temos directivas para fomentar a dissuasão e o diálogo... Olhe agora este aqui... É um cinquentão, com uma *vamp* ao lado, e está a atravessar uma fase em que precisa de dar uma *certa ideia de potência*... Aqui vai ele, a fazer piões pela Serra de Sintra acima... Você quer que lhe faça também um *zoom* de alguns carros oficiais a circular com excesso de velocidade na auto-estrada do Norte?

A câmara focava outros pontos ao acaso, e Jeremias pode mesmo ver, em directo, vários patuscos a fazer sinais de luzes, prevenindo condutores de carros roubados da presença da polícia...

«Enfim» - pensava ele - «em matéria de tolerância no trânsito, qualquer número que não seja Zero é um número... irracional! Mas *eles* é que sabem...».

³² Esta história passa-se algum tempo depois de, em Portugal, se terem estabelecido zonas rodoviárias com a chamada "Tolerância Zero".

Explicando melhor: nessas zonas, bem assinaladas e publicitadas, os automobilistas não podiam fazer asneiras e a polícia não perdoaria.

Ao estipular que *em certas zonas* não haveria tolerância para com as infracções, estava-se a dizer, ao mesmo tempo, que haveria compreensão em todas as outras...

Os condutores mais propensos a ignorar o Código da Estrada passaram, logicamente, a procurar trajectos alternativos (como é o caso que aqui se refere).

E, guardando só para si essas observações, limitou-se a perguntar, mas não escondendo um total desconforto pelo que acabara de ver e saber:

— Mas afinal em que é que a Makro-Teknika vos pode ajudar?

— Ora bem - comentou o capitão arrastando o nosso amigo para longe do *écran* (onde nesse momento se podia ver uma carrinha a deslizar e a rodopiar, de rodas para o céu, ao longo da auto-estrada do Sul) - vamos lá então ver isso...

E prosseguiu, em voz estranhamente baixa, certificando-se primeiro que estava ao abrigo de ouvidos indiscretos:

— Acontece que o satélite que transmite estas informações é alugado a uma rede multinacional que cobre o mundo todo. E o preço que pagamos é função da largura de banda e do volume de dados recebidos.

— Mas, pelo que vejo, não deve haver dinheiro que chegue, Sr. Capitão! - comentou Jeremias sorrindo maliciosamente.

Nessa altura, baixando ainda mais a voz e adoptando um ar definitivamente conspirativo, o homem replicou, depois de – mais uma vez – se certificar de que ninguém os estava a ouvir:

— Pois o problema é exactamente esse, meu jovem amigo... Não há dinheiro que chegue! Precisamos dos serviços de um pirata informático para que possamos continuar a obter estes mesmos dados mas pagando apenas o correspondente ao número de gajos que estão a conduzir como deve ser...

A URSA e os Ursinhos

Por não ter especial interesse para a história anterior omitiu-se propositadamente a referência a uma zona mais sobrecarregada de pontos vermelhos e que, segundo informação do Capitão Xenofonte, correspondia a uma via rápida bastante vocacionada para acidentes espectaculares.

— É onde funciona a URSA - informou ele.

Jeremias já tinha ouvido falar:

Tratava-se da *Universidade Regional para Sonhadores e Artistas*, durante muito tempo localizada em local bucólico e por isso especialmente vocacionada para o estudo da poesia e das artes em geral. Mas que se vira brindada, de um dia para o outro, com uma insuportável via-rápida de quatro faixas em cada sentido.

Perdido o ambiente propício a tais actividades espirituais a escola definhara e encerrara as austeras portas.

Mas, quando menos se esperava, um activo investidor³³ de nome estrangeirado lembrara-se de ali investir e mantivera o nome que a tornara famosa: a URSA passara simplesmente a querer dizer *Université Regional des Sciences Appliquées* pelos motivos que adiante se verão...

— oOo —

Numa imponente varanda do século XVIII, dando sobre uma vetusta latada de vinho morangueiro, podiam sempre ver-se uns 15 a 20 aplicados alunos, sentados lado a lado, com os computadores portáteis ao colo, esperando em silêncio tenso.

Mas não por muito tempo, porque em geral o professor, prescrutando o horizonte de binóculo em riste, em breve avisaria:

— *Attention! Attention!*

E, pouco depois havia de dizer qualquer coisa como...

(E traduzem-se, a partir daqui, alguns dos problemas típicos)

³³ Teria sido o *Doctor Robert*?! Nunca se veio a saber...

«Calcular a **energia cinética inicial** daquele carro azul, sabendo-se que cada uma das árvores que ele acaba de derrubar exige uma energia de, aproximadamente...»

«Qual a **energia potencial** com que ficou aquela moto pelo facto de ter ido parar ao cimo de um candeeiro de 10m de altura, supondo que a sua massa é de...»

«Calcular o **momento angular** daquela furgoneta amarela, admitindo que está a rebolar a 5 voltas por segundo e que...»

Estudavam-se, na URSA, os **choques elásticos**, os **choques inelásticos**, as **combustões**, os **atritos**...

E, é claro, as **forças centrífuga e centrípeta**, visto que ali havia um curva, embora não muito acentuada.

Mas, neste capítulo da Física, começaram a certa altura a surgir grandes dificuldades pedagógicas:

O Ministério da Educação - umas vezes alegando tratar-se de uma universidade privada outras vezes remetendo o problema para a Junta Autónoma das Estradas - recusara-se sempre a facultar as verbas necessárias.

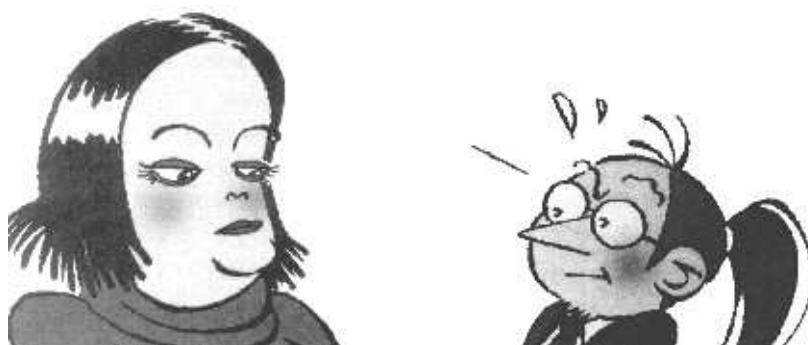
E foi assim que, em desespero de causa, o Conselho Directivo resolvera apelar para o Ministério da Ciência e Tecnologia:

«...é que a **força centrífuga**, Senhor Ministro, é estudada a partir das amolgadelas nas guardas metálicas que há de lado. Ou antes: *era*, quando ainda as *havia*...»

A Beta dos Betinhos

De vez em quando a narrativa tem que sofrer uma mudança de estilo.

Esta história e a seguinte são contadas na primeira pessoa, pois foram retiradas tal-qual do Diário do nosso herói (como aliás já acontecera com a descrição do jantar de aniversário da D. Mariquita).



«**A** visita que fiz à BEBE-COCO («*BETA DOS BETINHOS* - Companhia de Confeccões»), em Alfarelos, foi uma autêntica inutilidade!

E, no entanto, até me parecia que a empresa tinha óptimas condições para acertar o passo pelos novos tempos, pois toda a sua gama de produtos podia perfeitamente ser escoada usando a Internet e a actual explosão do Comércio Electrónico.

E foi assim que um belo dia dei comigo sentado na sala de reuniões da empresa, sentido-me a fazer figura de parvo, pois passara duas horas a tentar, em vão, convencer a Dra. Filipa Rocha, a responsável pelo *Marketing*.

— Pois é, Sr. Engenheiro Jeremias... - concluiu ela, fechando o caderno de apontamentos, mostrando assim que dava o assunto por encerrado - A nossa firma até podia estar receptiva a usar essas modernices que o senhor apregoa. Mas a tecnologia ainda não evoluiu o suficiente... Ainda *tem muito que andar* até nos poder ser verdadeiramente útil, e não será tão cedo que vamos precisar dos seus serviços...

E, ao ver-me engolir em seco, deve ter tido pena de mim, porque se dignou justificar em detalhe o que dizia:

— Ora veja: a fundadora da empresa, a D. Beta, enviuvou. Algum tempo depois casou com um primo do Onassis, pelo que o capital, actualmente, é todo grego. O nosso mercado de confecções, muito especialmente o de pijamas amarelos, é exclusivamente a Grécia...

— E o que é que isso tem?! - retorqui eu, um pouco irritado por me parecer que a justificação era completamente absurda - Na Grécia também se usa a Internet!

— Huum... duvido muito... duvido muito...- respondeu ela, levantando-se.

Depois, com o sorriso irritante e sardónico que costuma caracterizar os inforfóbicos quando falam das *novas tecnologias*, foi abrindo a porta da sala para mostrar, delicada mas claramente, que dava o assunto, de facto, por encerrado.

Porém, já na saída - onde teve a amabilidade de me acompanhar - ainda condescendeu em me esclarecer um pouco melhor:

— Nenhum fornecedor de acesso à Internet aceita o endereço que exigimos! E já gastámos um dinheirão em publicidade que foi direitinha para o lixo...

E mostrou-me o que pretendia, num luxuoso cartaz, parcialmente inútil, no qual a empresa devia ter gasto muito dinheiro:

TODA A γ DE π JAMAS AMARELOS SÓ NA β DE α RELOS³⁴

[http://www.β / αrelos.pt](http://www.β/αrelos.pt)

Por fim, com um enigmático sorriso onde se podia divisar um misto de ironia e desapontamento, concluiu:

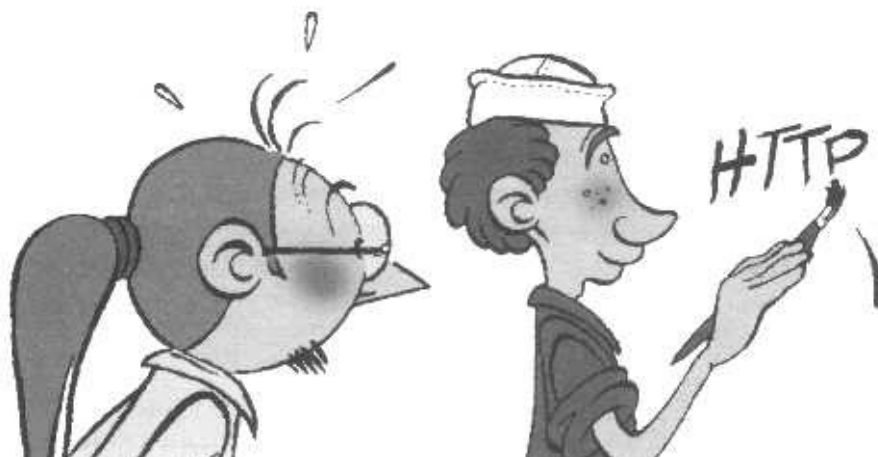
— Até o meu endereço de correio electrónico foi posto em causa!

No seu cartão de visita, que ainda guardo, lá está ele, embora riscado:

Φ lipa __ ρ cha@...³⁵ »

³⁴ Toda a GAMA de PI-jamas amarelos só na BETA de ALFA-relos

Belos Petiscos!



«**O** Joaquim taberneiro sempre me pareceu poder ser um dos poucos exemplos de pessoas que não precisam das novas tecnologias para nada:

As suas bifanas vendem-se sem necessidade de estarem publicitadas no ciberespaço, e o branco e o tinto escorrem lindamente mesmo sem qualquer *Home-Page* a apregoar-lhes as virtudes.

— oOo —

«Isto aqui é tudo preço líquido!» - diz ele, rindo, enquanto, contempla deliciado a espuma que parece nascer no cimo dos copos-de-três.

Agora imaginem a minha cara quando um dia, a caminho da paragem de autocarro, vi que ele estava a escrever qualquer coisa na tabuleta começado por http!!.

«Não é possível! Será que o homem está mesmo a escrever o endereço Internet da tasca?!»

Mesmo de longe via-se claramente que até já lá estavam os dois pontos, que ele agora retocava, com mão de artista, para os tornar bem circulares e perfeitos!

Esubugalhei os olhos e limpei os óculos.

³⁵ FI-lipa RO-cha@...

Por fim, e considerando que, face ao que se estava a passar, já nem tinha qualquer importância que eu perdesse ou não o autocarro, atravessei a rua e fui ver bem ao perto.

O homem não deu pela minha aproximação e eu também não o quis interromper.

E, de surpresa em surpresa, vi que o Joaquim omitia o www e começava a escrever o nome dele:

http:joaqui...

Resolvi intervir porque, já agora, faltavam os dois tracinhos paralelos...

Mas ele não me deu confiança e continuou, seguro de si.

E foi só quando ele acabou de escrever:

http:joaquinzinhos/...

que percebi tudo!

Aliás, não posso, propriamente, dizer que percebi! Ele é que se encarregou de explicar, a mim e a todos os mirones que lhe observavam os requintados gestos:

— Então, rapaziada? Acham que está a ficar bem? Isto agora do HTTP é linguagem universal, como diz aqui o nosso amigo Jeremias! *Há Todo o Tipo de Petiscos...*

Já agora, HTML deveria querer dizer: *Hoje Temos Morcela e Linguiça»*

A...Tensão!

Um belo dia o Sr. Navarro, o Chefe do *Import-Export* da Makro-Teknika, apareceu a propor ao nosso amigo Jeremias aquilo que parecia ser um grande negócio:

Importar máquinas automáticas para medir a tensão arterial.

Tratava-se de aparelhos que tinham sido rejeitados devido a pequenos problemas sem importância, e o Sr. Navarro propunha que a Makro-Teknika as comprasse, reparasse, e as revendesse com certificado de garantia de reparação.

Foi encarregado o Capitão Jeitoso para fazer a prospecção do mercado e chegou-se à conclusão que o negócio, além de viável, podia ser muito lucrativo.

E avançou-se.

Durante as semanas seguintes, de facto, foi um *ver-se-te-avias* de caixotes e caixotes com máquinas a entrar e a sair da Makro-Teknika, ora a caminho da oficina das traseiras ora - já devidamente embaladas e etiquetadas - a caminho dos clientes.

E tudo parecia correr pelo melhor dos mundos quando a D. Divisória, do Serviço Pós-Venda, começou de súbito a receber reclamações a ponto de ser preciso arranjar uma linha directa para que o Eng. Patusco, em pessoa, pudesse atender os clientes insatisfeitos e sossegá-los.

— oOo —

O caso mais dramático passou-se na Farmácia Occipital, de onde o Sr. Olivêncio, o farmacêutico, berrava:

— Venha cá alguém ver esta porcaria! Tenho aqui uma cliente que desmaiou ao ver a tensão arterial! Costuma ter 12 - 8, e a máquina indica 12 - 54!

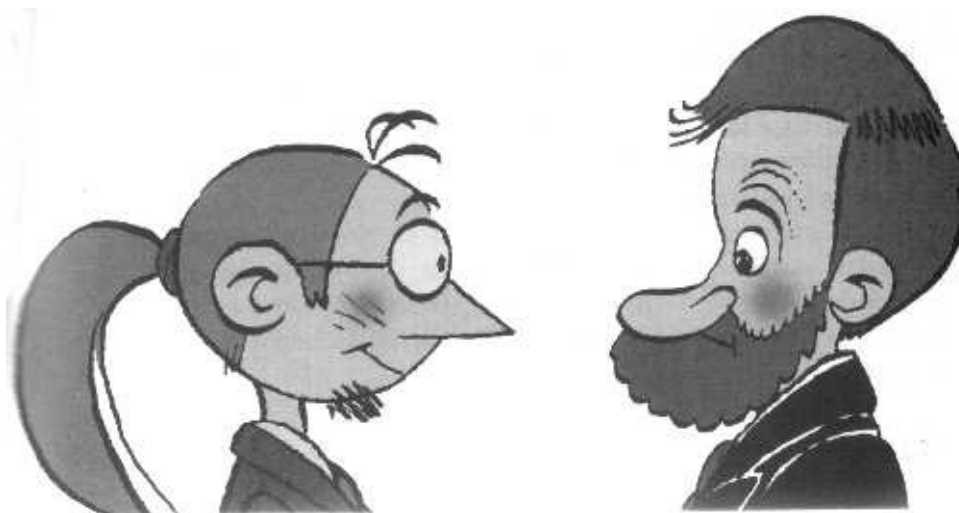
E o Eng. Patusco já se preparava para tomar os seus apontamentos quando o outro corrigiu:

— Não... agora marca 12 - 55!

— Ah! Então não se assuste, que já aí vou compor isso... Mas vocês não fecham agora à uma? Sabe? É que houve aí um pequeno *bug*... isso não é a tensão arterial da senhora... é o relógio digital!³⁶

³⁶ Será que já nessa altura Pombinho Lourenço, o grande *perito em relógios e produtos temporais*, andava por perto?

Ficheiros Muito Secretos



Mas voltemos às aventuras do nosso amigo Jeremias na Makro-Teknika.

— oOo —

Um belo dia ele recebeu uma consulta de uma firma que se debatia com um problema muito comum: a segurança dos dados.

— Hoje em dia *ninguém dá nada!* Por isso eu acho que o nome *base de dados* está... muito *mal dado!*

Era o Sr. Baquelite, fazendo um pouco de humor fácil, para introduzir o seu problema que, apesar da boa disposição aparente, o angustiava de sobremaneira:

A empresa do Sr. Baquelite tinha uma delegação na cidade da Guarda e era preciso, todas as sextas-feiras, fazer-lhe chegar uns ficheiros informáticos com mapas de preços altamente confidenciais.

— Temos dois problemas diferentes. O primeiro é o *transporte* das disquetes propriamente ditas. O segundo é a *segurança* das informações que elas levam dentro...

E prosseguiu:

— Quanto ao primeiro aspecto, temos vindo a modernizar os nossos processos a pouco e pouco. Mas não é ainda suficiente e precisamos do seu conselho...

E passou a explicar como tinham evoluído:

Inicialmente as disquetes iam pelo correio normal;

depois tinham passado a ir pelo correio-azul;

mais tarde, tinham recorrido aos autocarros-expresso;

em seguida, aos combóios-rápidos;

estava agora em apreciação um orçamento para o uso de avionetas de aluguer.

E foi nessa altura que a D. Rosa, que entrara para trazer os cafés, se meteu na conversa:

— Se for às sextas-feiras eu posso levar... Vou à terra todos os fins-de-semana...

O outro, que até aí estivera de costas para a porta, ao ouvir uma voz conhecida levantou-se e fez uma grande festa:

— Olha quem ela é! Há quanto tempo que não a via! Como o mundo é pequeno! Então a senhora agora trabalha aqui?!

— É verdade, e dou-me muito bem, desde que o Sr. Eng. Jeremias manda nisto!

Mas, uma vez deixados os cafés em cima da mesa, a boa senhora, sabendo bem quando estava a mais, despediu-se com uma ligeira vénia e um grande sorriso. E a conversa continuou no ponto em que fora interrompida, com o nosso amigo Jeremias a expor o seu ponto de vista:

— Bem... parece-me então que estamos no bom caminho! E até matamos dois coelhos de uma cajadada. Não só o problema do transporte dos seus ficheiros fica resolvido, como o problema da segurança também.

Referia-se, evidentemente, ao facto de a D. Rosa ser pessoa de toda a confiança.

— É um grande alívio que nos dá, Sr. Engenheiro! Já não ganhávamos para pagar à loja de ferragens nem à papelaria!

Jeremias ficou estupefacto. O que é que as lojas de ferragens tinham a ver com isso? E as papelarias?

O simpático senhor, então, metendo a mão ao bolso do casaco, tirou dele uma disquete e explicou, apontando para o símbolo do cadeado que em todas figura:

— Como sabe, e muito melhor do que eu, estas coisas têm aqui o buraquinho para a segurança...

E Jeremias, pegando nela, correu maquinalmente a pequena corredeira, para um lado e para o outro, sem fazer comentários.

— Nós deixamos sempre isso na posição do buraquinho aberto, para passar o aloquete³⁷. Quer ver? - Perguntou o Sr. Baquelite, demonstrando o que queria dizer com um pequeno cadeado de latão que tirou dum bolso do casaco.

E continuou, com o ar mais sério do mundo:

— O problema, além do preço dos aloquetes, é que a chave tem que ir à parte, noutro envelope... É uma questão de segurança evidente.

Jeremias conseguia conter-se sem se rir. E perguntou:

— Então é por isso que se queixa também da conta da papelaria...

— Pois é tudo a somar, Sr. Engenheiro! É tudo a somar: é o preço dos aloquetes, é o preço dos envelopes... é o preço dos selos - que sobe muito com o aumento do peso devido aos aloquetes... Mas agora, com a utilização dos serviços da nossa amiga, tudo isso se vai resolver. É, de facto, um grande alívio! Quanto é que acha que nos vai custar esse vosso serviço?

³⁷ Cadeado

O que Arde Cura!

Houve um pequeno pormenor que Jeremias nunca veio a saber:

Como já atrás se referiu, o mui-nobre Alarcão d'Albuquerque, por alcunha «O Complicador»³⁸, procurava também, e à socapa, facturar algum dinheiro por fora.

E, clandestinamente, conseguia insinuar-se junto destas e de outras empresas para tentar vender os seus serviços de consultor de informática.

Por isso não é de admirar que já tivesse visitado a empresa do Sr. Baquelite e tentado resolver o problema.

Apesar de ser pessoa pouco dada a soluções simples, ainda fizera os possíveis para explicar que os ficheiros se podiam proteger com *passwords* e com encriptações.

Mas a sua forma de ensinar era tão confusa e os ouvintes tão atrasados que ninguém percebera nada...

Assim, e recorrendo a um sentido de humor que só os mais chegados lhe conheciam, meteu a mão ao bolso, tirou um isqueiro e uma barrinha de lacre e... adivinharam!

Deitou um enorme pingo na corrediça da disquete que estava ser estudada...

— Não serve! - Comentou o Sr. Baquelite que assistira, interessado, à demonstração - Qualquer pessoa pode quebrar o lacre e meter outro pingo.

Então, impassível, o Alarcão voltou a pegar na disquete, repetiu a cena desde o princípio mas, enquanto o lacre ardia, pespegou-lhe com o sinete do seu anel brasonado depois de lhe dar uma grande cuspidela e murmurar «desculpa...».

³⁸ Mais correctamente, devia ser «O Komplyca-Dor». Tratava-se de uma terrível personagem do «Operação Jeremias», que defendia que «A Informática não é para o comum dos mortais, pelo que não pode nem deve ser simples».

Enquanto o lacre ainda fumegava, comentou, antes de dar o seu trabalho por encerrado:

— Já que não querem usar processos de *software*, a solução é esta. Chama-se *Arde-Ware*, como suponho que devem saber.

Ó da Guarda!



Mas voltemos à sala onde Jeremias e o Sr. Baquelite fechavam negócio:

— oOo —

— Estou muito contente por termos encontrado uma solução. E, como hoje é sexta-feira, aproveito e dou já à sua funcionária esta disquete para ela entregar logo à noite, quando for à terra.

Quando a prestimosa senhora voltou, e depois de tudo esclarecido e encaminhado, o Sr. Baquelite, virando-se para o nosso amigo, comentou, rindo:

— Sabe, Engenheiro? Eu e aqui a D. Rosa do Anjo somos grandes amigos e conterrâneos! Somos ambos da Guarda, terra de boa gente e dos bons presuntos! E esta senhora, não desfazendo, é uma jóia de pessoa! Sabia que, entre os amigos, ela até tem a alcunha de *Anjo da Guarda*?³⁹

FIM

³⁹ Jeremias, que já estava de pé, deixou-se cair na cadeira...